

Aires Augusto Nascimento

Notas Biobibliográficas



Carlos Fontes
www.filorbis.pt

Lisboa, Julho de 2019

Aires Augusto Nascimento

Notas Biobibliográficas¹



Percurso de Vida

Nasceu a 20 de Julho de 1939 na aldeia de Palhais, concelho de Trancoso, distrito da Guarda. Sentindo a vocação de missionário irá percorrer os vários seminários da Sociedade Portuguesa das Missões Católicas ², fundada pelo Papa Pio XI em 1930: Tomar (1/10/1949), Cernache do Bonjardim (1950-1954), Cucujães (1954-57), Cernache do Bonjardim (1961), Valadares (1962-1963) e Tomar (1963-1965). Em 1962 é ordenado sacerdote.

Em 1966 inicia a sua formação em Filologia Clássica na Faculdade de Letras de Lisboa (FLL), onde virá a ser convidado para assistente (1970).

Em 1972 é convidado a traduzir o "Livro de Arautos" (*De Ministerio Armorum* - Manchester, John Rylands Library, ms 28), sobre o qual fará a sua tese de doutoramento em Filologia Latina Medieval (1978).

¹ Agradecemos ao presidente da Junta de Freguesia de Palhais - Dr. João Santos, e ao sobrinho de Aires A. Nascimento - Sr. Fernando Santos, informações e fotografias que me prestaram para a elaboração destas notas.

² A Sociedade Portuguesa das Missões Católicas, tem hoje o nome de Sociedade Missionária da Boa Nova. Em 2014 tinha 106 membros que trabalhavam em Portugal, Moçambique (desde 1937), Angola (desde 1970), Brasil (desde 1970) Zâmbia (desde 1980) e Japão (desde 1998).

Em Lovaina obtém o diploma de 3.º Ciclo de Estudos Medievais (1976) e estuda ciências documentais, em particular codicologia, sob a orientação de Paul Tombeur. Com o apoio da IBM Portugal trabalha no tratamento informático de textos. Foi director do Curso de Ciências Documentais da FLL.

No dia 1 de Fevereiro de 1978, conclui por unanimidade com distinção e louvor a sua tese de doutoramento sobre a tradução do "Livro de Arautos", acompanhada dos respectivos, índices, concordâncias, análise linguística e quadros estatísticos, tendo sido discutida pelo prof. Manuel Díaz y Díaz da Universidade de Santiago de Compostela. A dissertação foi acompanhada de três trabalhos sobre latim medieval - Vita S. Fructuosi e Vita S. Martini Saurensis, arguida pelo prof. José Geraldes Freire da Universidade de Coimbra.

Quando está a concluir a sua tese de doutoramento é chamado a colaborar no inventário e estudo dos códices alcobacenses, um desafio que lhe irá permitir aplicar o seu vasto saber na identificação e recuperação da identidade dos *scriptorium* e livrarias medievais em Portugal. Entre 1982 e 2008 dirige o Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa. Em 1985 é nomeado catedrático. A partir de 1986 passa a dirigir a revista Euphrosyne.

Entre 1990 e 1991 exerce as funções de presidente do Instituto Português dos Arquivos. Jubilou-se em 2008.



Foto: P. António Pereira, Junho, 1950. Tomar, Convento de Cristo: colhendo uma flor de cacto que existia no terreno do recreio.

Primeiros Anos

Aires A. Nascimento nasceu em Palhais, uma pequena aldeia do concelho de Trancoso, que na altura não teria mais do que 265 habitantes (censo de 1940), predominando duas grandes famílias, os "Sousa" e os "Andrade". Era nas pessoas que estava a grande riqueza da aldeia. A agricultura, base da economia local, era de subsistência. Durante a IIª. Guerra Mundial (1939-1945) a descoberta e exploração de volfrâmio trouxe importantes rendimentos a alguns, mas não a todos.

O pai Joaquim Augusto, era natural de Aguiar da Beira, fez-se alfaiate em França, durante a participação de Portugal na 1ª. Grande Guerra. A mãe Gracinda do Nascimento era natural de Palhais. Das duas irmãs - Sara Augusta de Andrade e Maria do Céu de Andrade, ainda conta com a companhia da primeira.

Fez a instrução primária em Palhais, tendo como professora a regente Aida da Conceição Pena, que o conduziu com êxito ao exame da 4ª. Classe na vila de Trancoso³.



Edifício em Palhais onde durante décadas funcionou a escola primária, morava a professora e Aires A. Nascimento realizou os seus primeiros estudos Pertencia à Junta de Freguesia.. Foto: N.M. (2016), Palhais à Vista.

SPMCV - Sociedade Missionária da Boa Nova

Com apenas 10 anos de idade saiu de Palhais para iniciar o seus estudos num dos seminários da Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas (SPMCU)⁴. Fundada a 3/10/1930, por iniciativa do Papa Pio XI, que a dotou de uma constituição e nomeou o seu primeiro superior. A formação dos missionários católicos passou a ser feita em três casas - Cucujães (Oliveira de Azeméis), Cernache do Bonjardim (Sertã) e Tomar. Foi neste último seminário, instalado no Convento de Cristo que Aires A. Nascimento entrou, em 1949, recebendo a companhia de 50 jovens seminaristas. Um ano depois, muda-se para Cernache do Bonjardim, cujo edifício em tempos albergara o Real Colégio das Missões Ultramarinas, fundado, em 1791, por D. João VI, príncipe do Brasil e Prior do Crato. Na sua longa história regista um encerramento em 1834, reabertura em 1855, acontecimentos que voltaram a

³ Na altura este resultado escolar foi muito notado, sendo interpretado como a grande dedicação que revelava pelos estudos. Na véspera da prova oral fez um arranhão, tendo contraído uma grave infecção que o obrigou a ser submetido a uma intervenção cirúrgica.

⁴ Afonso, Manuel Castro – Sociedade Missionária da Boa Nova. Edições da Editorial Missões – Cucujães. 2011

repetir-se em 1911 e 1927. Foi neste local, segundo uma antiga tradição, que terá nascido Nun`Alvares Pereira ⁵.

Em 1954 já se encontra em Cucujães, num edifício que foi um antigo mosteiro beneditino, salvo da ruína total pelo padre José Vicente Sacramento, que o adquiriu em 1923 e o colocou ao serviço das missões.

A sua formação continuou dentro da sociedade missionária, e leva-o ainda passar de novo por Cernache do Jardim. A 29 de Julho de 1962 é ordenado sacerdote. Foi então chamado para uma nova missão na sociedade missionária.



Missa Nova, Palhais, 1962, 30 de Julho

Na cidade do Porto, diversas congregações religiosas e institutos missionários projetam criar um Instituto de Estudos Teológicos, com cursos superiores de teologia e filosofia reconhecidos oficialmente. A SPMCU decide abrir no Porto um seminário para acolher alunos e professores, promovendo igualmente cursos de teologia (quatro anos) e de filosofia (três anos). Aires A. Nascimento é chamado a participar neste projeto. O seminário é instalado, em 1961, numa casa senhorial, com capela e uma quinta, conhecida por Boa Nova, em Vilar do Paraíso (Gaia)⁶. A construção de um novo edifício, que virá a ser conhecido por Seminário de Valadares (1968), rapidamente se tornou numa necessidade.

Passando a desempenhar funções docentes, num novo enquadramento institucional, desde logo se colocou a questão das equivalências escolares com o ensino oficial. Neste sentido, em fins de 1962, inicia uma forçada preparação para aprovação dos exames da alínea de letras que realiza, com sucesso, no Liceu Alexandre Herculano (Porto).

⁵ Afonso, P. Manuel Castro – O Seminário das Missões de Cernache do Bonjardim (1791-1991). Edições da Editorial Missões – Cucujães. 1992.

⁶ A SPMCU adquiriu em 1961 duas quintas contíguas, a principal a Quinta de N^a. Sr^a da Boa Nova, havia pertencido à condessa do Lobão. As propriedades foram aglutinadas, sendo neste espaço construído o Seminário de Valadares, segundo um projeto do arquiteto Manuel da Silva Nogueira.

É professor de várias matérias na sociedade missionária, não apenas em Valadares, mas também no Seminário de Tomar (1963-1965). A continuação da docência, cada vez mais exigente, leva-o a perspetivar tirar o curso de “filologia clássica” na Faculdade de Letras de Lisboa.

Cronista ?

O tempo era de mudança na Igreja, com o Concílio do Vaticano II (1962-1965), mas também de reflexão sobre a forma como deveria ser encarada a posição de Portugal em África, sobretudo depois do início das guerras coloniais (1961). O papel dos missionários em África, associados a agentes do colonialismo passou a ser questionado, exigindo-se uma nova abordagem⁷, o que virá a ter um reflexo na própria mudança do nome de SPMCU para Sociedade Missionária Boa Nova⁸.

Aires do Nascimento era um observador qualificado do mundo, dada as funções que vinha desenvolvendo desde os anos 50 na sociedade missionária.

Foi na revista *Volumus- Revista de Formação Missionária* que iniciou a sua produção escrita, fazendo recensões de publicações, até que em 1960 se torna responsável pela sua publicação. O seu primeiro artigo - "Colégio Universitário de Aspirantes Médicos Missionários", termina com uma significativa citação de Santo Agostinho: "Dai-me magistrados, médicos, oficiais, segundo a lei de Deus e já não terei receio, pois com estes se faz a cidade de Deus" (*Volumus*, ano XII, 1960, nº2).

Integrou também desde o início o grupo fundador de "*Igreja e Missão - Revista de Cultura e Formação Missionária*", cujo primeiro número, da 2ª. série (ano XIII), saiu em 1961. Trata-se de uma publicação que se empenhou na divulgação das ideias do Vaticano II e de novas correntes da Igreja em Portugal, como o Graal. Nesta revista publica um artigo intitulado - A Igreja no Congo (ex-Belga) - onde sem rodeios, dá conta das mudanças que estavam a ocorrer em África. Sobre questões internacionais irá ainda centrar a sua atenção sobre as profundas desigualdades existentes na América Latina (nº16, Jul./Set.1964).

Nas páginas desta revista chama a atenção para novos pensadores cristãos, como Oscar Cullmann (1902-1999)(nº15, Jul./Set.1964) ou Yves Congar (1904-1995) (n.19, Jul./Set.1965). É desde início um empenhado defensor das ideias renovadoras do Vaticano II

⁷ O texto de Aires A. Nascimento em “Valadares – Seminário das Missões da Boa Nova” (Lisboa, ARM, 2011) é elucidativo sobre as grandes questões que então se colocam aos missionários.

⁸ A mudança de nome foi gradual: Em 1968 o Seminário de Valadares tomou o nome de Seminário da Boa Nova. A revista “O Missionário Católico”, cujo início da publicação remontava 1930, adoptou o nome de “Boa Nova” (1970), e finalmente a SPMCU, em 1994, passou a Sociedade Missionária da Boa Nova.

(nº11, 1963), defendendo uma visão da igreja plural (nº.9, 1963), personalista, pautada pelo respeito dos Direitos Humanos (Nº20, Out./Dez.1965) e ecuménica (n.19, Jul./Set.1965).

Embora reconheça que no seio familiar as discussões políticas estivessem ausentes, e fosse poupado a situações de carência, por exemplo, quando passava férias na aldeia tinha sempre “o melhor quarto” só para si. A verdade é que não deixa de referir, o impacto que teve em Valadares um acontecimento: em Fevereiro de 1964, chegou rodeado de polícias, o Dr. Padre Joaquim Pinto de Andrade, originário da diocese de Luanda, para aí ficar retido. Só veio a adquirir a liberdade de circulação pelo país, em 1967, por intercepção do papa Paulo VI, aquando da sua visita a Fátima. Uma consciência global, planetária, como refere, acaba por se instalar na sua mente.

Escreve sobre este período: “Aos poucos, íamo-nos dando conta de que a nossa vocação era precisamente a de fazermos a ponte entre o pequeno mundo a que pertencíamos e o grande mundo a que a Igreja nos destinava: ainda que o horizonte da missão mais imediato fosse dirigido para os países africanos sob administração portuguesa, ditos Ultramar Português, sabíamos que a nossa experiência tinha de ser moldada pela experiência dos outros e vivermos com eles a comunidade e a diversidade do Pentecostes”⁹.

Assumi um papel muito ativo na organização e divulgação das ideias em debate na "Semanas Nacionais de Estudos Missionário"¹⁰. Nas páginas que escreve na revista Igreja e Missão, não se limita a ser um simples divulgador, toma posição sobre a organização e profundidade das abordagens, com grande liberdade crítica (nº12, 1963; nº23, 1966; nº27,1967; Nº. 38,1969).

Entre 1964 (n.13/14, Jan./Jun.) e 1969 (nº31, Set./Out) integra o Conselho de Redação da revista *Igreja e Missão*.

Lendo relatos dos seus companheiros percebe-se que terá realizado também um importante trabalho na tradução de documentos fundamentais da Igreja católica, como a epistola solene “Suavi Sane” de PIO XI (24/10/1932), diploma fundacional da Sociedade Portuguesa das Missões Católicas.

Ao longo dos anos tem continuado a refletir sobre a doutrina católica, traduzido textos doutrinários fundacionais, mas também divulgado textos sobre as missões, a obra e figuras da Sociedade Missionária Portuguesa, de que são exemplo:

- *Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo*, Tradução. Instituto Bíblico Pontifício de Roma. Edições Paulistas. 1985
- “O livro de teologia: génese de uma estrutura e estruturação de uma ciência”, *Didaskalia*. 25 (1995) 235- 255.
- “Dizer a Bíblia em português. fragmentos de uma história incompleta”. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*. Lisboa, 2013.

⁹ Valadares, p 24

¹⁰ Vicente, Ana Cláudia – “As Semanas Nacionais de Estudos Missionários 1962-1978”, *Lusitânia Sacra*, 2ª. Série, 19-20 (2007-2008), pp.307-328

- *Edito de Milão. Apostilas para uma Tradução*. Lisboa, UCP. 2013
- "A Igreja na história da cultura". (2000) - In: *Igreja e Missão* vol. 184 (2000) p. 139-201
- *Valadares - Seminário das Missões da Boa Nova. Apontamentos de lembranças dos primeiros tempos do Seminário de Valadares*, com a colaboração do Pe. André Marcos, José Quina, Marinho Borges e Joaquim Alves Pereira. 2011
- *D. José dos Santos Garcia. 1º bispo da Sociedade Missionária Portuguesa, 1º bispo de Porto Amélia-Pemba (Moçambique): 1957-1975: testemunho e memória*. Lisboa. 2011.

Professor Universitário

A formação em filologia clássica (1966-1970), mas sobretudo quando se torna professor nesta área na Faculdade de Letras (1970), marca uma nova etapa na sua vida. À missão de pregar a palavra de Deus, juntou a missão de procura e difusão do saber, próprias de um verdadeiro professor. As exigências académicas tornam-se num poderoso estímulo para uma produção regular em estudos clássicos, que lhe permitem um amplo domínio do latim e da cultura clássica.

Foi decisivo neste capítulo, a convivência a partir de 1972 com o professor Manuel Cecilio Díaz y Díaz (1924-2008) da Universidade de Santiago de Compostela, que o levaram a trabalhar sobre obras fundamentais da cultura medieval portuguesa.

Como professor universitário, na verdadeira acepção do termo, cultivou múltiplas relações nacionais e internacionais, que se consubstanciaram em convites que recebeu para cursos, conferências, projetos ou participação em associações e academias em países como a França, Espanha, Itália, Bélgica, Grã-Bretanha (Oxford) ou o Brasil. Tornaram-se frequentes os seminários e cursos realizados em Lisboa sob a direção de professores vindos destes países, especialistas em aspectos e linhas inovadoras de investigação e da didáctica. Em Julho de 2019, durante o Congresso científico em sua homenagem, constatou-se que metade dos professores do Departamento de Estudos Clássicos haviam sido seus alunos.

Reflexões sobre a Universidade

Aires A. Nascimento não se limitou a exercer e ser um professor universitário, historiou e refletiu sobre a própria universidade nos nossos dias.

Tem igualmente escrito páginas de testemunho e reflexão sobre o percurso de vida e a obra de personalidades como Luís de Sousa Rebelo (1922-2010), Manuel C. Díaz y Díaz (1924-2008), Mário de Albuquerque (1898-1975), José Galdes Freire (1928-2017), Horácio Santiago-Otero (1928-1997), Maria Helena Mira Mateus (1931), J. Pais da Silva (1929-1977), Martim de Albuquerque (1936), Fernando de Mello Moser (1927-1984), Américo Costa Ramalho (1921-2013), Avelino de Jesus da Costa ((1908-2000), Giuseppe Tavani (1924), Maria Helena da Rocha Pereira (1925-2017), Maria Leonor Carvalhão Buescu (1932-1999), António A. Marques de Almeida (1936-2017), Padre Manuel Antunes (1918-1985), Maria Helena de Paiva Correia, Mário (Gonçalves) Martins (1908-1990), José da Cruz Policarpo

(1936-2014), Victor Jabouille (1947), José Pedro Machado (1914-2005), Carmen Codoñer Merino (1936), Manuel José do Carmo Ferreira (1943), José V. de Pina Martins (1920-2010), João de Almeida Flor (1943), Serafin Moralejo (1946-2011), Amadeu Rodrigues Torres (1924-2012), Fernando Alves Cristovão (1929), António Fontán (1923 -2010), Arnaldo Monteiro Espírito Santo, Leonel Ribeiro dos Santos (1947), Luís Crespo Fabião (1925-2001), Vitalino Valcárcel Martínez, João Barrento (1940), Maria de Lurdes Flor de Oliveira, Raul Rosado Fernandes (-2018).

A ler de Aires A. Nascimento:

- “Os Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa (no 75º. Aniversário da restauração da Universidade)”, in: *Euphrosyne*, 15, 1987, pp.305-312
- “A Faculdade de Letras de Lisboa: em busca do sentido do Tempo, para que a memória seja projecto”, *Revista de Universidade de Lisboa*, 2, nº5, Abril de 1988, 6-11
- “Universidade e Investigação: as dificuldades de uma integração ou a má consciência de um estatuto”, in: *A Faculdade de Letras em debate - Assembleia Magna de Docentes*, Março de 1999....
- “University in a new line of scientific policy, NewsLetter 2000”, *Compostella*, nº6, 2000, 13-15
- “Nostra studia, sapientiae via”: a voz fundadora do rei D. Pedro V, no 150º.aniversário da fundação do Curso Superior de Letras de Lisboa, *EUPHROSYPNE*, 38, 2010, 401-438.
- *O estudo de Letras, caminho para a sabedoria: evocação do 150º. aniversário da fundação do Curso Superior de Letras de Lisboa por D. Pedro V: comunicação à Academia das Ciências de Lisboa*, em 2010.



Manuel Antunes, iniciou a sua docência na Faculdade de Letras em 1957, com a cadeira de História da Cultura Clássica, jubila-se em 1985. Aires A. Nascimento, inicia a sua formação nesta faculdade em 1966, a docência em 1970 e jubila-se em 2008. Durante largos anos conviveram dentro e fora da universidade. Como assinala num dos seus textos¹¹, a docência

¹¹ Nascimento, Aires A. – “O percurso do Padre Manuel Antunes na Faculdade de Letras de Lisboa”, in: José Eduardo Franco, Hermínio Rico (Coords.), *Padre Manuel Antunes (1918-*

da Manuel Antunes marcou uma profunda mudança neste estudos clássicos na FL. Coube-lhe naturalmente reunir, estudar e editar a "Correspondência e Outros Textos "(VI volume das Obras Completas) deste incontornável pedagogo-pensador. O contacto íntimo com o mesmo, permite-lhe destacar alguns dos seus traços singulares:

"a correspondência epistolar não era mais do que supletiva no encontro direto, que lhe agradava mais porque propício a desfazer dúvidas e equívocos ou capaz de suscitar empenhamentos pessoais. Sócrates bem dissera que o registo escrito não respondia à singularidade do leitor; Manuel Antunes lança nas suas cartas o que a distância não lhe tolera fazer pela palavra que do coração passa pela mente e chega aos lábios – por isso o telefone servia para os mais diversos contactos (e disso não ficaram registos, embora haja referências)" (p.4).

Estudos Clássicos

A conclusão da sua licenciatura em filologia clássica, em 1970, com a dissertação - "Aretê Sofística - O Homem Grego do Século V a.C, em valoração"- foi saudada na revista *EUPHROSYNE* (Nova Série, Vol. IV, p.268). A forma surpreendente e profunda como reinterpreta o conceito grego Aretê (virtude), deixava supor que iria enveredar pela filosofia¹².

Era um início auspicioso. Os estudos sobre a língua e a cultura grega, nunca abandonados, não tardam todavia a serem secundarizados face à língua e cultura latina.

A ler de Aires A. Nascimento:

- "O significado de ἀγαθὸς na Antígona de Sófocles", *EUPHROSYNE*, nº.6, 1973-1974;
- "Sófocles, em centenário: o peso do tempo, o tributo da leitura", in, *Sófocles - XXV centenário do nascimento (Actas de Colóquio)*, coord., Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2005, 7-14.

Latim Clássico

A partir de 1972, o domínio do latim e da cultura latina passam a ser objeto de um estudo sistemático. Reflete sobre o ensino do latim clássico, mas também produz importantes

1985) *Interfaces da cultura portuguesa e europeia*, Porto, Campo das Letras, 2007, pp. 651-652

¹² Uma versão do essencial da dissertação de licenciatura é publicada dois anos depois: "Aretê Sofística, uma forma do Humanismo Grego". Foi também o seu primeiro artigo na *EUPHROSYNE*. Revista da Faculdade de Filologia Clássica, Lisboa. Centro de Estudos Clássicos - Faculdade de Letras de Lisboa. Nº 5, 1972.

instrumentos para a sua leitura e tradução. Autores como Plínio, Ovídio, Virgílio, Propércio¹³, Osório ou Terêncio são objecto de vários trabalhos.

A ler de Aires A. Nascimento:

- *Colóquio sobre o ensino do latim: actas* / Departamento de estudos clássicos, Faculdade de letras, Lisboa ; [introd. Aires Augusto Nascimento] / Lisboa : Ministério da educação, Instituto de cultura e língua portuguesa , 1987
- “Varia Proberbia”, *EUPHROSYNE*, Nº 10, 1980
- *Comentario a las Bucolicas de Virgilio / Nicolas Trivet Anglico*; estudio y edición crítica por Aires Augusto Nascimento y José Manuel Diaz de Bustamante / [Santiago de Compostela] :Universidad de Santiago de Compostela , 1984
- *Concordantiarum discordantia: em busca de padrões comuns para concordancias lexicais* / Aires A. Nascimento / Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda , 1993
- *N. Trevet, comentador das "Bucólicas" de Virgílio: confirmação de autoria* / Aires A. Nascimento / Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda , 1993
- *Egéria. Viagem do Ocidente à Terra Santa, no séc. IV* , com Alexandra B. Mariano. Lisboa : Edições Colibri , impr. 1998
- *De Augusto a Adriano: actas de Colóquio de literatura latina*, Lisboa, 2000 Novembro 29-30 / coordenação editorial de Aires A. Nascimento / Lisboa : *Euphrosyne* , 2002
- *Os clássicos no tempo : Plínio, o Velho, e o Humanismo Português : colóquio internacional*, Lisboa, 2006, Março, 31 / coordenação Aires A. Nascimento / Lisboa : Centro de Estudos Clássicos , 2007
- “Ovídio: exílio e poesia : leituras ovidianas no bimilenário da "relegatio" : colóquio internacional, Lisboa, 2007, Junho, 21 / coordenação Aires A. Nascimento e Maria Cristina C. M. S. Pimentel / Lisboa : Centro de estudos clássicos , impr. 2008
- “Para um "Corpus Codicum Graecorum Hispanorum": uma pequena colecção olissiponense.” (2008) - In: *Euphrosyne* vol. 36 (2008) p. 349-365

A importância da leitura dos clássicos suscitou-lhe profundas reflexões, nomeadamente sobre a necessidade de orientar a leitura dos mais jovens:

- “O texto distante... (para a recuperação dos clássicos)”, in *Colóquio sobre o ensino do Latim, Clássica*, 19, 1994, pp.11-23
- “Les Classiques de toujours pour les temps nouveaux: une réflexion nécessaire”, in *Euphrosyne*, 30, 2002, pp. 317-324

¹³ A propósito da tradução de Propércio - *Elegias*, Coordenação de Aires A. Nascimento, Tradução portuguesa de Aires A. Nascimento (livro I), Maria Cristina Pimentel (livro II), Paulo F. Alberto (livro III) e J. A. Segurado e Campos (livro IV), *Texto latino e Introdução de Paolo Fedeli*, Lisboa, Accademia Properziana del Subasio (Assis) – Centro de Estudos Clássicos (Lisboa), 2002, Carlos de Miguel Mora na revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*. 5 (2003), onde colocou em relevo a importância destas traduções de autores clássicos.

- Aprender com a Musa... ecos e presenças da Antiguidade clássica na moderna poesia portuguesa, in *Euphrosyne*, 35, 2007, pp. 261-284

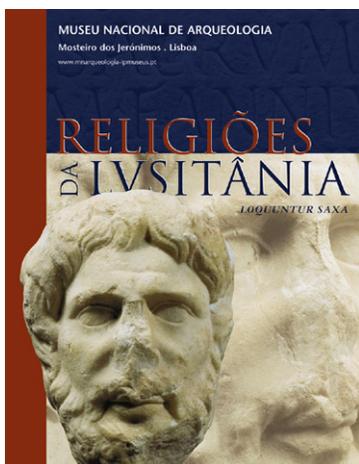
O estudo da literatura greco-romana permite-lhe, como a muito poucos, identificar as raízes e influências da mesma ao longo de toda a Idade Média e Moderna em Portugal.

Epigrafia

Aires A. Nascimento, com base no estudo de duas placas funerárias romanas de Idanha-a-Velha, e de uma inscrição epigráfica existente numa capela octogonal junto do Mosteiro de Seíça, produz uma importante reflexão sobre os limites da arqueologia e da epigrafia, colocando em evidência os contributos que pode dar a filologia para fazer falar as pedras.

A ler de Aires A. Nascimento:

- "Legere, perlegere: da singularidade epigráfica ao sentido do texto e do monumento", *Sylloge Epigraphica Barcinonensis*, 2010, nº8.
- "Escrita na pedra", in *Epigrafia Latina do Museu Municipal Hipólito Cabaço (Alenquer)*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2001, pp.3-7
- "Sunt lacrimae rerum", in *Epigrafia do Território Português II – Inscrições Gregas de território português*, ed. Manuela Alves Dias et alii, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2001, pp. 3-8



"A Religião dos Rústicos", publicado no catálogo da exposição - Religiões da Lusitânia, em 2002, aborda com rigor e erudição, uma questão polémica: o embate que sofreu a religião romana por parte do cristianismo. Assinala substituições, reinterpretações, persistências de modo a organizar um quadro diacrónico do processo, permitindo-nos entender, por exemplo, o silêncio de Martinho de Braga (séc. VI) sobre o culto de santos na região do Minho, específico da "religião popular".

Medievalista

O análise exaustiva do *Livro de Arautos* (século XV), objecto da sua tese de doutoramento, implicou não apenas um aturado estudo do latim medieval, mas igualmente em codicologia, paleografia, análise estatística de textos e bibliotecas medievais. Um novo campo se abria e irá ser percorrido de forma sistemática ao longo dos anos.



Foto: 1 de Fevereiro de 1978: final das provas de doutoramento.

Médio-Latim e Português Medieval

O estudo das obras escritas em latim medieval, em particular por autores que haviam vivido ou nascido no território que hoje constitui Portugal, estava deficientemente tratada entre nós. Havia que resgatar autores, obras, traduzi-las, estudá-las. Sem este trabalho de fundo, os estudos de latim em Portugal ficariam limitados aos autores clássicos. Ao longo dos anos irá recuperar e identificar muitas tipologias de textos latinos medievais pouco documentados, mas que foram a base para a literatura vernácula: literatura diplomática, liturgia, hagiografias, livros de milagres...

Em vários textos faz o retrato desta situação, tais como:

- "Filologia Médio-Latina em Portugal", *EUPHROSYNE*, Nova Série, Vol. XIII, 1985
- "Os Estudos Clássicos na Faculdade de Letras de Lisboa (no 75^a. Aniversário da Restauração da Universidade)", *EUPHROSYNE*, Nova Série, Vol. XV, 1987.

Fruto deste projeto de redescoberta, sobretudo a partir de 1977 publicará um impressionante conjunto de estudos e traduções de textos medievais, com uma relação direta a Portugal e à formação da língua portuguesa.

A ler de Aires A. Nascimento:

- Alguns vocábulos portugueses num manuscrito latino do séc. XV, *Portugaliae historica*, I (1973), p. 275, n. 6.
- La sémantique de la répétition dans le document le plus ancien du territoire portugais (a. D. 882) *EUPHROSYNE*, nº8, 1977
- “Para a pronúncia do latim. Um texto gramatical dos códices alcobacenses. B. N. L. Alcob. CCCXC1V/426, f. 258 v.”, *Clássica....* 1977
- “Da poesia rítmica latino-medieval e das suas sobrevivências no Fundo Alcobacense”, *Euphrosyne: Revista de filología clásica*, Nº 10, 1980, págs. 173-183
- *Lexicografía del latín medieval: el futuro*, Carmen Codoñer Merino, Louis Holtz, Aires Augusto Nascimento, Maurilio Pérez González; José Manuel Díaz de Bustamante (coord.), José Martínez Gázquez (coord.)
- As ‘Reglas pera enformarmos os menynos en latin’, *Euphrosyne*, 17, 1989, 209-232
- “Filologia Médio-Latina em Portugal: situação e perspectiva”, *Euphrosyne: Revista de filologia clásica*, Nº 13, 1985, págs. 111-138
- “Um fragmento de Differentiae uerborum em letra carolina, *Euphrosyne*, 32 (2004), 265-282
- “Traduzir, verbo medieval: as lições de bruni aretino e Alonso de Cartagena”, (1999) - In: *Actas del II Congreso Hispánico de Latín Medieval* Pt. 1 p. 133-156
- “Filología latina medieval: entre leituras e transmissão de texto”, (1998) - In: *Filologia classica e filologia romanza. Esperienze ecdotiche a confronto* p. 79-90
- *Literatura Medieval. Actas do IV Congresso da Associação hispânica de Literatura Medieval* (Lisbonne 1-5 octubre 1991), com Almeida Ribeiro, Cristina [Publ.]. - Lisbonne (1993)
- *Literatura medieval*, 2, com Ribeiro, Cristina Almeida [Publ.]. - Lisboa (1993)
- “La biographie latine au XIIème siècle au Portugal”, (2002) - In: *FS Walter Berschin* p. 79-88
- “Lexicalização e dicionarização, dois momentos do trabalho filológico: reflexões a partir da documentação portuguesa medieval”, in, *Origines de las lenguas romances en el reino de León - siglos IX-XII*, León, Centro de Estudios e Investigación San Isidoro, II, 2004, 297-314.
- “Novos fragmentos de textos portugueses medievais descobertos na Torre do Tombo: horizontes de uma cultura integrada”, in *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, nº2, | 2005: 7-24
- “Nova idade, nova linguagem: entre afecto e alto desempenho de funções, a palavra no séc. XV português”, in *Humanismo para o nosso tempo – Homenagem a Luís de Sousa Rebelo*, ed. Aires A. Nascimento et alii, Lisboa, 2004, pp. 33-57.
- “O corpus documental do latim medieval do reino de Portugal”, in, *Actas do IV Congresso Internacional do Latim Medieval Hispânico* (Lisboa, 12-15 de Outubro de 2005), coord. Aires A. Nascimento e Paulo F. Alberto, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2006, 982-990.
- “O latim medieval entre a escola e a vida: níveis de escrita e de leitura”, in *Actas do IV Congresso Internacional do Latim Medieval Hispânico* (Lisboa, 12-15 de Outubro de 2005), coordenação de Aires A. Nascimento e Paulo F. Alberto, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2006, pp. 3-20

Humanismo e Humanistas

O estudo do latim medieval permitiu-lhe compreender de forma profunda a cultura humanista. Os nossos humanistas não romperam com o passado medieval, integraram-no. Nesse sentido, preferiam expressar-se frequentemente num latim de base medieval do que no latim clássico.

Tem dedicado particular atenção ao estudo dos textos que os nossos humanistas traduziram, como os traduziram e a significação que lhes atribuíram.

A ler de Aires A. Nascimento:

- *Cultura clássica em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1980.
- “A primeira tradução portuguesa da Eneida” (Lisboa, BN, cod. 3322), *Revista da Biblioteca Nacional*, 1, 1981, nº2, 199-222.
- “Traduções portuguesas de Virgílio”, *Clássica*, 8, 1982. 84-112.
- “La réception des auteurs classiques dans l'espace culturel portugais: une question ouverte”. (1995) - In: *The Classical Tradition in the Middle Ages and the Renaissance*, p. 47-56
- Le latin à l'époque de l'Humanisme au Portugal: données de situation et suggestions pour une étude d'ensemble. (2004) - In: *Il latino nell'età dell'Umanesimo* p. 97-108
- “Os textos clássicos em período medieval: tradução como alargamento de comunidade textual, em Raízes greco-latinas da cultura portuguesa” – *Actas do I Congresso da APEC*, Coimbra, 1999, 41-70. Segundo João de SALISBÚRIA, «rex illiteratus quasi asinus coronatus» (Policraticus, IV, 6).
- *Pedro Nunes e Damião de Góis: dois rostos do Humanismo português “: actas de colóquio, no V Centenário do Nascimento*, 2002 - 28 de junho, Faculdade de letras de Lisboa, Centro de estudos Clássicos / coordenação, Aires A. Nascimento / Lisboa : Guimarães , DL 2002
- *Damião de Góis, tradutor: perspectivas para uma integração cultural, in, Damião de Góis na Europa do Renascimento - Actas de Congresso Internacional*, Braga, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 2003, 233-265.
- “Le latin à l'époque de l'Humanisme au Portugal: données de situation et suggestions pour une étude d'ensemble” (2004) - In: *Il latino nell'età dell'Umanesimo* p. 97-108
- “Mito e identidade: André de Resende, um catalisador da memória”, in *MYTHO: a tradição mitográfica portuguesa – representações e identidade, séculos XVI-XVIII* -. Actas de Colóquio Internacional, coord. Abel N. Pena, Faculdade de Letras, Centro de Estudos Clássicos, 2008, pp. 7-19
- “Cícero em Portugal: momentos de humanismo cívico”, in *Ciceroniana – Atti del Colloquium Tullianum (Salamanca, 7-9 ottobre 2004)*, Roma, Centro di Studi Ciceroniani, 2006, pp.99-128.

Aires A. Nascimento destacou alguns mitos, memórias ou invenções, usados nomeadamente para nobilitarem Lisboa, ligando a sua fundação a heróis da antiguidade clássica.

- “Ulixbona ab Idis seu Uklisse condita”, in, *Actas del IX Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval* (A Coruña, 18-22 Septiembre de 2001)...
- “Os epónimos míticos de Lisboa: Ulisses, Hércules e outros - títulos de nobilitação”, in, *Presença de Victor Jabouille*, Faculdade de Letras de Lisboa, 2003. 31-53
- “Ulisses em Lisboa: mito e memória”, in, *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa- Classe de Letras*, tomo XXXVII, 2006, 1995-224
- “Nomina, Numina: a invenção de Ulisses, a Ocidente”, in, *Salamanca*, Ediciones Universidad, 2007, 655-664. - Centro e periferia: nos erros de Ulisses em busca da identidade, in,Horn/Wien, 2007, 168-183.
- *Do Mediterrâneo ao Atlântico: os erros de Ulisses até Olisipona, no Ocidente...*
- O elogio de Lisboa, por Damião de Góis, entre as “Laudes Urbium”, in, *Damião de Góis e o seu tempo (1502-1574) –Actas de Colóquio na Academia Portuguesa de História*, Lisboa, 2002, pp.137-160

Centro de Estudos Clássicos

A partir de 1982 passa a dirigir o Centro de Estudos Clássicos (CEC) até à sua jubilação, antes integrava a comissão diretiva desta instituição. Imprimiu ao CEC uma renovada orientação, reestruturou-o, nomeou coordenadores de área, convidou para o painel de conselheiros personalidades de reconhecimento internacional. Acompanhou as vicissitudes das sucessivas reestruturações da agência governamental para a investigação, desde o INIC – Instituto Nacional de Investigação Científica à FCT, passando pela JNICT - Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica. Foi também quem conseguiu o financiamento para o primeiro projeto internacional do CEC, uma Ação Integrada, que se executou ao longo de dez anos, em parceria da Universidade de Lisboa com a de Santiago, e cujos resultados foram publicados pela Imprensa Nacional (1993). Durante sucessivos painéis de avaliação, sob a sua direção, o CEC teve a classificação de excelente¹⁴.

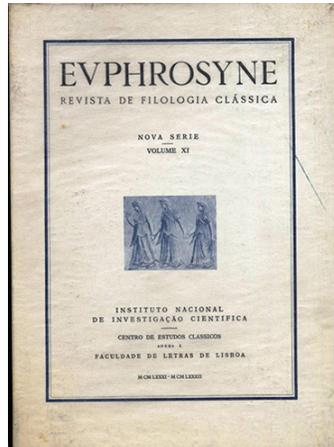
Publicações de Cultura Clássica

Para além da publicação regular de artigos nas mais variadas revistas, Aires A. Nascimento assumiu a direção de duas publicações sobre cultura clássica: *Clássica* e *Euphrosyne*.

- **Clássica- Boletim de Pedagogia das Línguas Clássicas.** Entre 1980 e 1986 dirigiu esta importante publicação do Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa.

¹⁴ Agradeço a informação ao professor Arnaldo Espírito Santo

- **Euphrosyne.** A revista foi fundada em 1957 por F. Rebelo Gonçalves. Aires do Nascimento integra a partir de 1970 o seu Conselho de Redação. Publica em 1972 o seu primeiro artigo, quando Maria Helena de Teves Costa Ureña Prieto assume a direção. Ao longo dos anos publica regularmente centenas de textos (artigos, resenhas críticas, notas). Em 1986 (EUPHROSYNE, Nova Série, Vol. XV, 1987) assume a direção da revista, mantendo-se como diretor até 2009. A revista passou a ter uma orientação temática, assim como aumentou as colaborações internacionais em filologia grega, latina, medieval e do renascimento.



Um dos seus contributos mais relevantes para a manter atualizadas estas revistas, foi a publicação regular de resenhas de obras e artigos que eram publicados. Na *Euphrosyne*, por exemplo, antes de 1994 (vol.22), só no ano de 1980 publicou 15 resenhas. A partir de 1994 os números tornam-se todavia mais expressivos: 1994 – 26, 1995 – 9, 1996-20, 1997 - 23, 1998 – 22, 1999- 14, 2000- 9, 2001-22, 2002- 19, 2003- 14, 2004 - 24, 2005 -32, 2006-16, 2007-16, 2008 -18 e 2009 -13 resenhas.

Publicou também resenhas em outras revistas nacionais, como *Igreja e Missão* (1973) ou a *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* (1983), mas também para divulgar internacionalmente o que se publicava no país, como a *Revue Belge de Philologie et d'Histoire* (1976), *Scriptorium* (1977- 1989) ou *Gazette du Livre Médiéval* (1988).

Ideia de Europa

À velha questão se existe uma “identidade europeia”, responde sem hesitações: - Existe, por consciência de cultura. Uma cultura cujas raízes são clássicas, gregas em primeiro lugar. Define-lhe inclusive os seus traços identitários: liberdade política, capacidade eficaz para superar as dificuldades, integração e partilha comum, culto da memória, capacidade de aprender, diversidade, superação, *humanistas*.

A ler de Aires A. Nascimento:

- "As línguas clássicas para um formação cultural de hoje", in *Colóquio sobre o ensino das línguas clássicas (Latim e Grego)*, em *Clássica – Boletim de Pedagogia e Cultura*, nº. 8, 1992, pp. 9-33.
- "Antiguidade Clássica: que fazer com este património? "2003, maio 8 - 10 / *Colóquio à Memória de Victor Jabouille* . Lisboa (2004)
- "Uma alma para a Europa: os clássicos em desafio contra o tempo", in *Actas de Colóquio Internacional, Coimbra 9-10 Novembro, 2006*, coord. Nair Castro Soares, Margarida Miranda, Carlota M. Urbano, Coimbra. Instituto de Estudos Clássicos, 2008, pp.29-58

Tradução e Reflexão sobre a Tradução

Aires A. Nascimento ao longo dos anos tem dado a conhecer uma impressionante número de obras, que sem as suas traduções teriam ficado no esquecimento. Entre os prestigiados prémios que recebeu, destacam-se o Prémio de Tradução pela União Latina (2007) e o Prémio de Tradução do Pen Clube Português (2007), ambos pela *Utopia* de Thomas Morus, edição crítica, tradução e comentário, editado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Uma tradução que começa por um convite de J.V. Pina Martins¹⁵.

Um dos seus projectos que tem prosseguido de forma sistemática é de publicar um conjunto de "edições críticas" de obras que, desde o século IV, são referências incontornáveis para o estudo da génese da cultura portuguesa. Da sua autoria ou em colaboração com outros, estas edições críticas têm vindo a ser publicadas contemplando século a século a formação da nossa cultura, e de que são exemplo as editadas nas coleções "Viator" e "Obras Clássicas da Literatura Portuguesa"¹⁶.

Não se limita a traduzir, tem escrito a história da tradução de textos clássicos e medievais em Portugal, e realizado uma permanente reflexão sobre a própria tradução e os seus problemas.

Como leitor atento e conhecedor nas suas áreas de especialidade, como vimos, tem produzido centenas de recensões críticas.

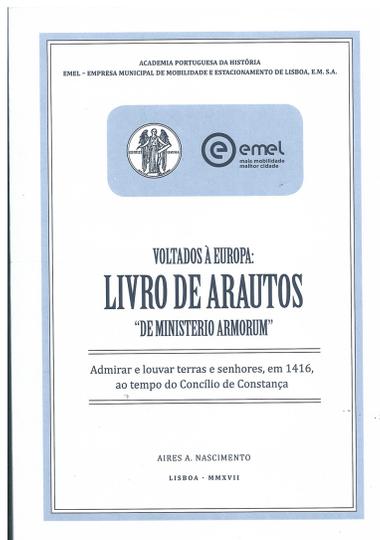
A ler de Aires A. Nascimento:

- *O Santo Evangelho* (revisão crítica de tradução), Lisboa.1973.
- "O onomástico de Terêncio na tradução de Leonel da Costa», *Euphrosyne*, 7, 1975-76, 103-123.
- *Jerónimo, Carta a Pamáquio - Sobre a Tradução* (Ep.57), Lisboa. Ed. Cosmos, 1995.
- "Traduzir, verbo de fronteira nos contornos da Idade Média", in, *O género do texto medieval*, Lisboa.1997, 111-138.

¹⁵ Maria João Martins (Jornal de Letras, 12/03/2008), num excelente artigo, refere alguns dos problemas que envolveram este trabalho.

¹⁶ Ana Maria C. M. Jorge fez uma recensão de quatro obras de Aires do Nascimento, na *Lusitânia Sacra* (2^a. Série, Tomo 12, 2002).

- “Os textos clássicos em período medieval: tradução como alargamento de comunidade textual”, in, *Raízes greco-latinas da cultura portuguesa - Actas do I Congresso da APEC*, Coimbra, 1999, 41-70.
- “A Vita Christi de Ludolfo de Saxónia, em português: percursos da tradução e seu presumível responsável”, *Euphrosyne*, 29, 2001, 125-142.
- “O estatuto do tradutor: de mediador cultural a interprete do texto (condições históricas com reflexões de permeio)”, in, *A Profissionalização do Tradutor - VI Seminário de Tradução científica em língua portuguesa* (Lisboa, 10 e 11 de Novembro de 2003), Lisboa, FCT/União Latina. 2004, 131-142.
- “Dizer a Bíblia em português: fragmentos de uma história incompleta”, *Revista Lusófona de Ciências das Religiões*
- *A Bíblia e suas Edições em Língua Portuguesa*, Lisboa, Ed. Universitárias Lusófonas/Sociedade Bíblica, 2010-7-58.
- Traduzir, verbo medieval: as lições de Bruni Arentino e Alonso de Cartagena, in, *Actas - II Congresso Hispânico de Latín Medieval (Léon, II-14 Noviembre de 1997)*. León, 1998, vol.I, pp.133-156



A publicação em 2017 da nova edição do Livro dos Arautos, 30 anos depois de ter realizada a primeira tradução, apoiada num vasto estudo codicológico, histórico, literário e linguístico, ilustra o seu entendimento da tradução, mas também o seu modo de trabalho.

"A leitura (qualquer que seja o texto) é um processo que se prolonga e que, tendo começado na primeira recuperação, não termina no dia em que chegámos à última página" (p.9). A tradução e estudo de um texto implica um visitar contínuo, para corrigir, descobrir aquilo que antes não se vislumbrara, numa compreensão sempre mais ampla. "Vai o texto precedido de uma introdução nova e vai a sua tradução acompanhada de aparato de notas que não era requerido no primeiro momento nem teríamos sido capazes

de constitui, já que (importa confessá-lo) os instrumentos de consulta de hoje alargam as possibilidades de esclarecer minúcias a que não tínhamos prestado atenção e hoje podemos reconhecer-nos em outros que foram também aduzindo aspectos que compõem o quadro que se pode traçar" (p.10).

Tratamento Informático de Textos

No âmbito da sua tese de doutoramento, em Outubro de 1976, visitou o CETEDOC - Centre de Traitement Electronique des Documents, fundado em 1968, na Universidade de Lovaina (Bélgica), por Paul Tombeur, discípulo do medievalista Maurice Hélin. Esta visita permite perceber a importância da estatística para o estudo sistemático dos textos e identificação das suas particularidades medievais. Trata-se de uma área que foi pioneiro em Portugal. A preparação do texto para exploração informática havia começado em Lisboa durante o ano de 1975-1976, com um programa concebido na IBM.

A ler de Aires A. Nascimento:

- "Cetedoc - A Informática ao Serviço da Filologia Latina", *EUPHROSYNE*, Vol. VIII, 1977
- "Tratamento de textos em computador - Uma via em aberto», *Classica*, 1, 1977
- "Tratamento de textos em computador - Lematização», *Clássica*, 2, 1977
- "Análise linguística», *Clássica*, 3, 1978
- "Tratamento de textos em computador - Concordâncias verbais», *Clássica*, 4, 1979
- "Identificação automática de elementos básicos da frase latina: o Projecto OLISSIPO", Alberto, Paolo Farmhouse, Pena, Abel N, Nascimento, Aires Augusto. (2003) - In: *Euphrosyne* Ser. NS, vol. 31 (2003) p. 515-518

Codicologia

O contacto com Manuel Diaz y Diaz, mas também com os trabalhos de codicologia em Lovaina tiveram uma influência decisiva em Aires A. Nascimento na abordagem ao estudo dos manuscritos. A materialidade dos códices (suportes, pigmentos, letras, cadernos, encadernação), história (modos de produção, circulação, evolução) e cultura passa a ser estudada de uma forma como nunca o havia sido em Portugal¹⁷.

Foi decisivo o trabalho realizado no Institut d'Etudes Médiévales e o convívio com ilustres professores como Léopold Gênicot (presidente do IEM), R. Bultot (Institut Culturelles), H. Silvestre (Lit. médiévale latine, philologie lat. médiévale, codicologie), Albert D'Haenens (diplomatie), Tomber (paléographie medieval, philologie et informatique) e Mirail (lit. Médiéval romaine). Contactos que se tornam-se numa amizade, sobretudo com Léopold Gênicot, H. Silvestre e Albert D'Haenens .

¹⁷ Como curiosidade refira-se que o primeiro computador da Faculdades de Letras foi por si adquirido para estas investigações. Era um Data General que os seus amigos da Universidade Santiago lhe conseguiram obter com um desconto de 60%.

Fruto dos seus contactos internacionais, permitiram a realização de um "Curso Intensivo de Codicologia e Iluminura", entre 17 e 28 de Março de 1980, promovido pelo Departamento de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa. A codicologia foi orientada por Leon Gilissen (maître de Conférences da Univ. de Liège e conservador de manuscritos da Biblioteca Real Albert I de Bruxelas) e a iluminura por Antoine de Schryver da Universidade de Gand. O curso realizado em Lisboa foi organizado ao abrigo do acordo Luso-Belga para 1980. Abria-se desta forma dois novos campos de investigação - a codicologia e a iluminura - cujos resultados temos vindo a acompanhar.

A partir de 1982/3 passou a organizar e ministrar cursos de Codicologia que se tornaram numa referência no país. Ministrou também na Universidade de Coimbra a cadeira de codicologia. Este trabalho pioneiro que criou escola, permitindo recuperar a identidade dos *scriptorium* de Portugal. Com base no estudo das encadernações alcobacenses, demonstrou que o Mosteiro de Alcobaça foi o local de origem da cópia da maioria dos códices que chegaram até nós.

A ler de Aires A. Nascimento:

- "Marginalidade e integração: o projecto codicológico como indício da recepção do texto", (1988) - In: *Actas del I Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval* p. 485-491
- *Encadernação medieval portuguesa*, com António Dias Diogo, Lisboa, Imprensa Nacional, - Casa da Moeda, 1984.
- "Práticas codicológicas e sentido de enquadramento do livro manuscrito como produto cultural", In *Colóquio sobre o livro antigo. V Centenário do livro impresso em Portugal: 1487-1987*. Actas. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1992, p. 233-242.
- A "mise en page", base operativa de reflexão codicológica: dados e problemas de fundos medievais portugueses, *Actas del VII coloquio del comité internacional de paleografía latina*, 1990,
- "La reliure médiévale: une forme de relation avec le livre. Fonctionnalité et sens des différences", *Bolletino dell'Istituto Centrale per la Patologia del Libro* 44-45, 1990-1991 [1994], 263-294 (Actas do Congresso Internacional "La Legatura dei Libri antichi tra conoscenza, valorizzazione e tutela", Parma, 1993).
- "La fabrication du papyrus: une expérience pédagogique et quelques précisions techniques"(1988) - In: *Euphrosyne* Ser. NS, vol. 16 (1988) p. 323-326
- *Novos Tempos, novos suportes de informação e leitura: ruptura e continuidades*. Academia Portuguesa da História. Lisboa. 2004
- "Terminologie du livre dans les sources documentaires portugaises médiévales: fragments d'un discours incomplet", (1999) - In: *Le vocabulaire des écoles des Mendians au Moyen Âge* p. 119-138
- O «scriptorium» medieval, instituição matriz do livro ocidental. In *Catálogo da exposição A iluminura em Portugal: identidade e influências*. Coord. M. A. Miranda. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999, p.53-109.

Textos Para Distribuir aos Alunos ...

À semelhança de Aristóteles, com o qual raramente se cruza, também escreveu textos para os seus alunos. A valorização das matérias a serem ensinadas, a fixação dos conceitos e a sua interligação, tem aqui uma importância crucial. Tenha-se em conta o texto em anexo sobre Codicologia, onde a capacidade de síntese é perfeita, sem ser redutora. Anexo 1.

Iluminura

O primeiro texto onde aborda especificamente a questão da iluminura, como área da História da Arte, é para fazer uma recensão crítica ao artigo de Maria Adelaide Miranda - "A Inicial ornada nos manuscritos Alcobacenses" (*Ler História*, 8, 1986, 3-33)¹⁸. Na revista *Scriptorium - Revue Internationale des Études Relatives aux Manuscrits*, XLIII, 1989, vol.1, entrada 457 do Bulletin Codicologique, assinala dois aspectos que este tipo de análises da iluminura, centradas na autonomia da imagem, podem cair: generalizações abusivas, devido à separação da imagem do texto, potenciando que os textos sejam esquecidos neste processo (autores, circulação de cópias, etc). Os estudos sobre iluminura em Portugal, que desde os anos 80 do século XX, tem registado um forte incremento, têm contado sempre com a participação de Aires A. Nascimento no seu desenvolvimento. Um dos pontos altos desta intervenção e colaboração foi a exposição e o catálogo - A Iluminura em Portugal: Identidades e Influências de 26/4 a 30/6 de 1999, na B.N. de Lisboa, que parece também ter produzido uma mudança na importância que conferiu à iluminura e à imagem.

- "A Iluminura, um traço distintivo", in, *A Torre do Tombo na Viragem do século*. Catálogo de Exposição, Lisboa. ANTT, 2000, 29-33.
 - "Pictura tacitum poema: texto e imagen no livro medieval. *Actas [del] III Congreso Hispánico de Latín Medieval*: (León, 26-29 de septiembre de 2001), Vol. 1, 2002, págs. 31-52
 - "A imagem no texto: esplendor do livro e marcação de leitura no manuscrito medieval". (2006) - In: *Homenagem Jorge H. Pais da Silva* p. 79-113
 - "A Imagem no texto: esplendor do livro e marcação de leitura no manuscrito medieval", in, *Arte, História e Arqueologia: O Pretérito (sempre) presente, ...*, 2006, 79-113.
 - "La couleur et l'image dans la couverture de la reliure médiévale: quelques données des sources portugaises", *Actes*, Paris IRHT / CNRS, 2007, pp. 359 -367.
 - "O poder da imagem: encantos, ambiguidades e valorizações", in: *Revista de História de Arte*, 7, 2009, 17-41.
 - "O cromatismo do texto", in: *Actas do VII Colóquio da Secção Portuguesa da AHLM - As Cores, ...*Lisboa, Universidade Aberta, 2011, 13-37.
- Relações entre Portugal e a Flandres através dos Livros de Horas"

¹⁸ O artigo de Maria Adelaide Miranda é uma síntese da sua Tese de Mestrado em História de Arte, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que foi arguente Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1986).



Fotografia de 1996, numa prova de doutoramento (pormenor)

Aires Augusto Nascimento, como já referimos, tem arguido várias provas de doutoramento em iluminura, como a de Maria Adelaide Miranda (1996), Inês Correia (2015), Delmira Espada Custódio (2017). É uma presença constante no círculo de investigadores nesta área em Portugal.

Bibliotecas, Arquivos e Leitores

O seu interesse pelo estudo das bibliotecas medievais está ligado a Alcobaça. Em 1979 comemorava-se o VIII centenário da fundação do Mosteiro de Alcobaça. A Biblioteca Nacional de Lisboa pretendia publicar um inventário completo dos códices alcobacenses. Outras iniciativas estavam igualmente a ser organizadas. Aires A. Nascimento foi chamado a colaborar nestas comemorações, nomeadamente na inventariação e estudo dos códices alcobacenses.

A Associação para a Defesa do Património Cultural de Alcobaça, promoveu de 24 a 29 de Maio de 1978, um congresso Internacional sobre Alcobaça. Nas conferências que então ocorreram, Aires do Nascimento falou sobre "*A elaboração de um Códice Alcobacense: Análise Através do Cod. 6747 da B.N. de Lisboa - Espelho de Cristãos Novos, de Francisco Machado*". Nesta conferência revela já um amplo conhecimento da biblioteca medieval de Alcobaça, mais também das técnicas de análise codicológica dos seus códices, o que demonstra quando analisa as insuficiências de uma edição do códice 6747 feita pela Universidade de Wisconsin, da autoria de Mildred Evelyn Dordick Vieira e Frank Ephraim Talmage¹⁹.

Foi com grande expectativa que, em 1980, acompanhou a microfilmagem dos códices alcobacenses por uma biblioteca americana. O resultado do "catálogo" que surgiu anos depois nos EUA deixou-o profundamente triste, ao ponto de escrever que a edição se

¹⁹ A propósito da Edição de um Códice Alcobacense, *Euphrosyne*, Vol.IX, 1978/79.

tratou de um "malogro" ²⁰. Os códices de Alcobaça, como os de outros fundos medievais em Portugal, requerem estudos e um tratamento mais rigoroso para poderem ser valorizados na sua devida dimensão internacional.

Estes trabalhos sobre manuscritos, permitem-lhe adquirir uma visão das bibliotecas e arquivos do país, o que o levou a integrar o Conselho Superior de Arquivos entre 1988 e 2004, e num período particularmente conturbado a presidir ao Instituto Português de Arquivos (1990-1991) ²¹.

Assinala-se o facto de ao longo dos anos ter vindo a colaborar na organização e divulgação do espólio de vários arquivos do país.

A ler de Aires A. Nascimento:

- *Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira : sete séculos de memória : guia*. Ericeira . Mar de Letras. 1998

Alcobaça

A coleção de códices (456) do Mosteiro de Alcobaça, conservados na B.N.Portugal, a partir de 1977 tornaram-se numa fonte inesgotável de conhecimento que, sob várias perspectivas, alimentará dezenas dos seus estudos.

A ler de Aires A. Nascimento:

- *Inventário dos Códices Alcobacenses. 6º. Fascículo. Índices*. BNL. Lisboa. 1978. O 5º. Fascículo, o último, fora publicado em 1930. Colaboração e coordenação. O projeto de um índice sistemático, segundo Isabel Cepeda, partiu inicialmente de Manuel C. Diaz y Diaz.

- "Em busca dos códices alcobacenses perdidos", *Didaskalia*, IX, 1979, pp. 279-288

- "Os códices alcobacenses da Biblioteca Nacional de Lisboa e o seu significado cultural". In *Exposição evocativa dos Códices Alcobacenses no VIII centenário da Fundação do Mosteiro de Alcobaça*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1979.

- "A propósito da edição de um códice alcobacense", *EUPHROSYNE*, nº9, 1979

²⁰ "Um Novo Catálogo do Fundo de Alcobaça: Das Boas Intenções ao Malogro de um Projecto", *Euphrosyne*, Vol. XVIII, 1990

²¹ A criação do Instituto Português dos Arquivos (IPA), em 1988, marcou um importante salto qualitativo na política arquivista . Ao IPA competia superintender técnica e normativamente nos arquivos do país. Uma dependência que que os diretores da Torre do Tombo se recusavam a admitir. Para a curta passagem pelo IPA, terão pesado os problemas com a Torre do Tombo, presidida por Jorge Borges de Macedo. Este organismo passou a ser independente, por exemplo, nas relações internacionais, esvaziando uma funções atribuídas ao IPA. Aires do Nascimento acabou por pedir a demissão do cargo. A falta de coerência e errância política da Secretaria de Estado da Cultura, presidida por Pedro Santana Lopes, provocou o afastamento de figuras de enorme prestígio e competência como era o caso. O de Aires A. Nascimento, entre outros, foi especialmente referido na Declaração Política sobre Política Cultural, reunião plenária de 12/03/1992, publicada no Diário da Assembleia da República, Iª. Série, nº39, de 13/03/1992

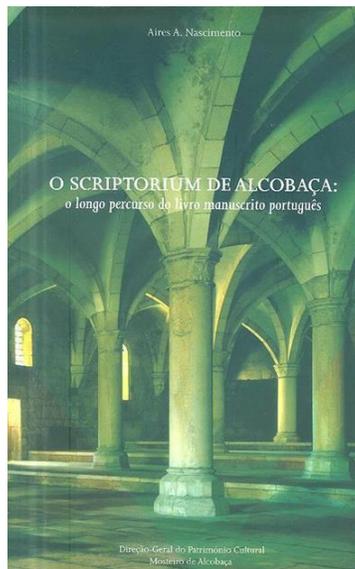
- “Da poesia rítmica latino-medieval e das suas sobrevivências no Fundo Alcobacense”, (1980) - In: *Euphrosyne* Ser. NS, vol. 10 (1980) p. 173-183
- “Diferenças e continuidade na encadernação alcobacense: sua importância para a história do «scriptorium» de Alcobaca”. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1983. Separata da *Revista da Faculdade de Letras*, nº especial (1983)
- “La reliure médiévale: une forme de relation avec le livre. Fonctionnalité et sens des différences”, *Bolletino dell'Istituto Centrale per la Patologia del Libro*. 44-45 (1990-91) 263-294.
- *Encadernação medieval portuguesa*, com António Dias Diogo, Lisboa, Imprensa Nacional, - Casa da Moeda, 1984.
- “Le «scriptorium» d’Alcobaca: identité et corrélations”, *Lusitania Sacra*. 4 (1992) 149-162.
- *Fr. Manoel dos Santos, Descrição do Real Mosteiro de Alcobaca*- edição, introdução e notas ao Alc. 307, fols. I-35, Alcobaca, 1979.
- “A experiência do livro no primitivo meio alcobacense”. In *IX Centenário do Nascimento de S. Bernardo. Encontros de Alcobaca e Simpósio de Lisboa. Actas*. Braga: Universidade Católica Portuguesa - Câmara Municipal de Alcobaca, 1991, p. 121-145.
- “Livros e leituras em ambiente cisterciense”. In *IX Centenário do nascimento de S. Bernardo. Encontros de Alcobaca e simpósio de Lisboa. Actas*. Braga. 1991, p. 148-165
- «Poggio e o seu interesse por códices de Alcobaca», *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa (Volume de Homenagem ao Prof. J. V. Pina Martins)*, nº 13-14, (1990 – realmente 1993), 37-40
- “Guido de Warwick, historia latine exarata: um epígono de romance de cavalaria, entre os monges de Alcobaca. Medioevo y literatura” : *actas del V Congreso de la Asociacion Hispánica de Literatura Medieval / coord. por Juan Salvador Paredes Núñez, Vol. 3, 1995, págs. 447-462*
- *Milagres medievais numa colectânea mariana alcobacense. Milagres da santíssima virgem Maria* : / edição crítica, tradução e estudo de Aires A. Nascimento / Lisboa : Edições Colibri , DL 2004
- “Ecouter la voix de l'époux: les stratégies de la spiritualité médiévale - l'intensification de lecture du cantique des cantiques (à propos des rubriques d'un manuscrit cistercien portugais du XIIIe siècle)”, (1998) - In: *Spiritualität im Europa des Mittelalters* p. 53-64
- “Gramática no claustro: regresso aos manuscritos de Alcobaca em revisitações filológicas”. (2012) - In: *Ways of approaching knowledge in late antiquity and the early middle ages* p. 313-332
- “Alcobaca e Odivelas, duas faces da observância cisterciense”, (2013) - In: *Mosteiros cistercienses. História, Arte, Espiritualidade* Pt. 2 p. 449-470



Aires A. Nascimento e a professora Iria Gonçalves, eminente medievalista, que se tem dedicado ao estudo de temáticas como a organização do espaço, alimentação, antroponímica e a fiscalidade. Na sua importante obra, destacamos "*O Património do Mosteiro de Alcobaça nos Séculos XIV e XV*", Lisboa, 1989.

Os estudo dos códices de Alcobaça levaram-no ao estudo da história de Cister, pensamento e obra São Bernardo de Claraval e outros cistercienses.

- *Cister: Documentos primitivos. Introdução, tradução e notas aos documentos anteriores à ação de Bernardo de Claraval*, Lisboa, Ed. Colibri, 1999.
- "Livros e leituras em ambiente cisterciense", *IX centenário do nascimento de S. Bernardo - Encontros de Alcobaça e Simpósio de Lisboa - Actas*, Braga, 1991, 148-165.
- "Cister e Cluni: espiritualidade em convergência na dissemelhança", *Igreja e Missão*, 192-193, 2003, 59-96.



O Scriptorium de Alcobaça: o longo percurso do livro manuscrito português, Direção-Geral do Património Cultural. Mosteiro de Alcobaça. 2018

Só na aparência estamos perante uma recolha de textos que haviam sido "espalhados por várias partes", trata-se antes de reconstituir um texto, cujos capítulos o autor foi escrevendo ao longo dos 30 anos, numa sequência ditada por um questionamento próprio e as circunstâncias. Não espanta pois que o primeiro texto seja de 1999, seguido de outros de 1992, 1991, 1992, 1984, 1998, 1987, 1979, 1986 e 2004. Seguindo o aforismo de Heraclito de Éfeso, não se limitou a reproduzir o que outrora publicou, nada se dá da mesma forma. A tarefa é agora a de ordenar, completar, encontrar uma coerência cada vez mais global. Aqui e ali vai deixando notas sobre caminhos a percorrer.

Após uma análise exaustiva às condições materiais e intelectuais envolvidas no planeamento e produção de um livro, emerge uma questão: - qual o grau de liberdade que possuía o iluminador ? Seria um simples executante de um programa previamente definido ? (p.85). A problema é metodológico, como adverte: "Quem nunca analisou um livro, pensará que tudo é simples ou que tudo se improvisa no momento de começar a escrever: ora, uma das maiores aquisições da análise codicológica foi desvendar a complexidade do livro e atender aos vários momentos da sua confecção" (p.117).

Santa Cruz

Durante as comemorações do VIII centenário do nascimento de Santo António de Lisboa, em 1995, foi projetado elaborar o Catálogo dos Códices de Mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (97 códices), existentes na Biblioteca Pública Municipal do Porto. Foi então constituída uma equipa de investigadores, de que faziam parte Agostinho Figueiredo Frias, Bernardino Costa Marques, Joana Lencart e Silva -, sob a coordenação geral de Aires Augusto Nascimento e José Francisco Meirinhos. O resultado foi mais uma obra impar para o estudo da cultura portuguesa.

A ler de Aires A. Nascimento:

- *Catálogo dos códices da Livraria de Mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca Pública Municipal do Porto*, 1997 (coordenação).
- "Paio de Coimbra", Frei. In *Dicionário de literatura medieval galega e portuguesa*. Coord. G. Lanciani e G. Tavani. Lisboa: Caminho, 1993, p. 504-506.
- *O «scriptorium» de Santa Cruz de Coimbra: momentos da sua história*. In *Catálogo dos códices da livraria de mão do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca Pública Municipal do Porto*. Coord. A. A. Nascimento e J. F. Meirinhos. Porto: Biblioteca Pública Municipal, 1997, p. LXIX-XCV.
- "Santa Cruz de Coimbra: as motivações de uma fundação regular. In Congresso Histórico de Guimarães - *D. Afonso Henriques e a sua época*. Actas. Vol. 4. Câmara Municipal de Guimarães e Universidade do Minho: 1997, p. 126.

S. Vicente de Fora

A ler de Aires A. Nascimento:

- "Livros e claustro no século XIII em Portugal. O inventário da livraria de S. Vicente de Fora em Lisboa", *Didaskalia*. 15 (1985) 229-242.

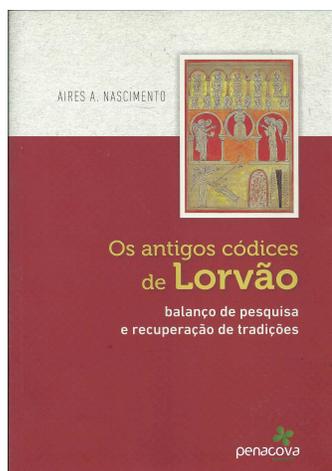
- “Notícia da Fundação do Mosteiro de S. Vicente de Lisboa”. (2001) - In: *A conquista de Lisboa aos Mouros. Relato de um Cruzado* p. 178-19

Lorvão

Os seus contributos para história e valorização deste mosteiro do Lorvão são por demais conhecidos, daí a “honra” que naturalmente lhe coube, quando foi chamado a participar no processo que serviu de para inscrever o chamado “Apocalipse do Lorvão” no Património Cultural da Humanidade (2015).

A ler de Aires A. Nascimento:

- O "Comentário ao Apocalipse" de Beato de Liébana: entre gramática e escatologia.(2000) , In: *Euphrosyne* . NS, vol. 28 (2000) p. 129-156
- “Um novo testemunho do passionário hispânico: un códice lorvanense da primeira metade do século XII (Lisboa, ANTT, Lorvão, C. F. Livr. 16)”, *Sub luce Florentis Calami: homenaje a Manuel C. Díaz y Díaz / coord. por Manuela Domínguez García, 2002, págs. 452-477*
- “Ao encontro do quotidiano: mecanismos para o estudo da expressão latinomedieval através do Liber Testamentorum do mosteiro de Lorvão”. (2007) - In: *Monarquía y sociedad en el Reino de León. De Alfonso III a Alfonso VII Pt. 1* p. 315-340
- *Liber testamentorum Coenobii Laurbanensis / [presentación de Aires A. Nascimento y José Ma Fernandez Catón] / León : Centro de estudios e investigación "San Isidoro" , 2008*
- “Aspectos lexicais de expressão do espaço (delimitação e localização) no Cartulário de Lorvão”, ...2008, 397-416.
- “Tempos e livros medievos: os antigos códices de Lorvão - do esquecimento à recuperação de tradições”, *Compostelanum*, 56, 2011, 729-753.
- “ Edição do Cartulário de Lorvão: para a valorização de Património arquivístico comum”. (2011) - In: *Quando Portugal era Reino de Leão* p. 261-270
- “Códices antigos de Lorvão: um manuscrito perdido, mas referenciado”. (2014) - In: *Wisigothica*. After M. C. Díaz y Díaz p. 595-608
- *Os Antigos Códices do Lorvão. Balanço de Pesquisa e Recuperação de Tradições*. Penacova. Município de Penacova, 2016



Um dos objectivos desta magnífica síntese – *Os antigos códices do Lorvão: balanço de pesquisa e recuperação de tradições*²² - está expressa nas primeiras páginas: trazer a público o património que é nosso, mas inseri-lo numa comunidade alargada, global, à qual também pertence e onde deve também ser valorizado. Sobre a atividade do *scriptorium* no século XII, em onze pontos fixa as conclusões a que chegou depois de longos anos de investigação. Mais uma vez²³, não deixou de fazer uma revisão do que se sabe de revelante desta comunidade monástica, cujas origem poderá remontar ao século VII . Uma remota origem da maior relevância: “Se assim foi, escreve, teremos de pressupor a existência de uma comunidade certamente servida por algum cenóbio ali constituído.” (*Os Antigos códices de Lorvão*, p.16).

Arouca

A ler de Aires A. Nascimento:

- "Osculetur me osculo oris sui": uma leitura a várias vozes ou dramatização do "Livro dos Cantares" num manuscrito cisterciense de Arouca". *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*: (Lisboa, 1-5 Outubro 1991) / coord. por Aires Augusto Nascimento, Cristina Almeida Ribeiro, Vol. 1, 1993 (Sessões plenárias, págs. 49-55
- "Livros e tradições hispânicas no mosteiro cisterciense de Arouca", in *Escritos dedicados a José María Fernández Catón*, León, Centro de Estudios e Investigación "San Isidoro", *Archivo Histórico Diocesano*, 2004, vol. II, pp. 1041-1058

²² Catarina Fernandes Barreira fez uma importante revisão de este estudo (*Medievalista*, 2017).

²³ Na "Descrição Codicológica" ao "*Liber testamentorum Coenobii Laurbanensis*", em 2008, fizera uma notável síntese sobre a documentação proveniente Mosteiro do Lorvão, deixando-nos, como é seu hábito, um conjunto de questões que uma leitura atenta dos documentos nos colocam.

Livrarias de Príncipes

A corte de Avis tem sua obra um lugar especial, um rei de eleição (D. Duarte) e uma data marcante (1415). Num belíssimo texto - *Nova Idade, Nova Linguagem : Entre Afecto e Alto Desempenho de Funções* - inúmeras algumas das razões: há novos desígnios de poder, há um renovado empenhamento dos seus agentes, há movimentações para ação de soberania, há novas formas de discurso, procura-se legitimar o seu acesso ao poder. A adopção da língua vernácula e as formas da sua escrita, assume um papel de enorme importância, como configuradoras de uma comunidade. Através da identidade da língua afirma-se a identidade de uma nação. As livrarias dos príncipes de Avis desempenham neste contexto uma enorme importância na afirmação de uma nação:

“De facto, se excluirmos os fundos de ordens religiosas, os exemplares manuscritos ainda hoje conservados procedem de bibliotecas de príncipes ou porque eles foram seus proprietários ou porque foram autores das obras literárias”.

A ler de Aires A. Nascimento:

- “As livrarias dos príncipes de Avis”, *Biblos*, 69, 1993, 265-287
- “Leitura de príncipes: Gui de Warwick, um romance de cavalaria na corte de Avis”, *Oceanos*, 17 (Março de 1994), 58-64.
- “Manuscritos e Textos dos Príncipes de Avis: o Leal Conselheiro e Outros Manuscritos: Problemas de Deriva Filológica e Tentativa de Reintegração”, (2006) - In: *Studies Arthur L.-F. Askins* p. 269-288

Fundação Calouste Gulbenkian

Na última década do século XX a Fundação Calouste Gulbenkian convidou reputados especialistas internacionais para estudarem os preciosos códices ocidentais da coleção do fundador. A FCG pretendia com esta ação publicar um catálogo. Aires A. Nascimento foi naturalmente um dos convidados. É neste contexto que concebe e coordena o catálogo e a exposição - *A Imagem do Tempo: Livros Manuscritos ocidentais* (31 de Março a 2 de Julho de 2000), Lisboa, 2000.

A ler de Aires A. Nascimento:

- “Acção de recuperação de ordem dos fólios nos códices ocidentais da colecção do Museu Calouste Gulbenkian”, in, *Do Bisturi ao Laser - Oficina de Restauro*. Lisboa. FCG. 1995, 59-60.
- “Manuscrito quatrocentista de Petrarca na colecção Calouste Gulbenkian, em Lisboa: Canzoniere e Triumpho», *Cultura Neolatina*, 64, fasc. 3-4 (2004), 325-410.
- “Un Libro de Horas de excepcional calidad (Lisboa, Col. C. Gulbenkian, LA 135): descripción codicológica, problemas e interpretaciones”, in, *Libro de Horas de Gulbenkian (LA 135)* - Libro de Estudios, Madrid, AyN Ediciones, 2009, 27-79.
- *Apocalipsis Gulbenkian, Descripción codicológica e paleográfica....* Barcelona, M. Moleiro Editor, 2002. 189-240.

Fragmentos e Acontecimentos

A descoberta de fragmentos de manuscritos medievais tem-lhe permitido chamar à atenção para outros horizontes de comunidades textuais ignoradas, esquecidas no tempo. Trata-se de trabalho minucioso de identificação de textos, autores, procedências e circulação de manuscritos.

O estudo das bibliotecas medievais implicou uma abordagem à génese das comunidades que as constituíram, a acontecimentos marcantes da implantação do cristianismo no atual território de Portugal.

A ler de Aires A. Nascimento:

- “O III Concílio de Toledo e a historiografia portuguesa: do silêncio consentido à utilização deliberada...”, 1992.
- “Actas do XIII Concílio de Toledo (a. D. 683). Fragmento visigótico (c.950): o livro solene...”, 1999
- “Actas do Concílio de Callcedónia de 451 (fragmento visigótico): o relevo da inicial...”, 1999
- “A Cultura bracarense no séc. VI: uma revisitação necessária. (2006) - In: *Estudos José Marques* Pt. 1 p. 87-104
- “Um fragmento de *Differentiae uerboirum* em letra carolina”, 2004, 265-282
- “Novos fragmentos de textos portugueses medievais descobertos na Torre do Tombo: horizontes de uma cultura integrada”,...2005, 7-24.
- “Fragmento olisiponense das Falsas Decretais”, ...,2010, 37-54.
- “Um fragmento de sermão do século XIII em honra de Santo António: a águia, o anjo e o livro”, ...1996, vol.II, 917-936.
- “Festus ex recensione Pauli: fragmentos de letra carolina em arquivos portugueses”, ...33, 2005, 429-446.

Livros, Leitores e Circulação de Manuscritos

A ler de Aires A. Nascimento:

- A Igreja na história da cultura: percursos do livro em Portugal na Idade Média, in *Igreja e Missão*, 18 (2000), p.139-201.
- Circulação do livro manuscrito. In *Dicionário de Literatura medieval galega e portuguesa*. Dir. G. Lancian e G. Tavani. Lisboa: Caminho, 1993, p. 155-159. **B i b l i o g r a f i a [6 7 3]**
- Concentração, dispersão e dependências na circulação de manuscritos em Portugal nos séculos XII e XIII. In *Colóquio sobre sobre circulación de códices y escritos entre Europa y la Península en los siglos VIII-XIII*. Actas. Santiago de Compostela: Universidade de Compostela, 1988, p. 61-85.
- Em nome do livro manuscrito: por entre alheamento e valorização de um património privilegiado, *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa*, s. 3, nº 14-15 (Abril 2004-Abril 2005), 103-132

- Monges, livro e leituras: modos de espiritualidade e preservação de textos», in Os Beneditinos na Europa - I Congresso Internacional (23-26 de Novembro de 1995), Santo Tirso, 1999.
- D. Diogo de Sousa (1460-1532), bispo do Porto, homem de livros e leitor de Savonarola. (1998) - In: Humanitas (Coimbra) vol. 50 (1998) p. 701-708
- Literacia, leitura, (des)bloqueamentos, in, Península, Revista de Estudos Ibéricos, n.º 3, | 2006: 289-309
- Transpor fronteiras: o livro e a biblioteca como inclusão cultural. (2012) - In: Euphrosyne vol. 40 (2012) p. 261-279

O estudo da circulação das cópias dos manuscritos, e as alterações que os textos foram sofrendo ao longo do tempo, está presente em muitos dos seus textos. Dois destes estudos são reveladores da complexidade deste trabalho:

- *O Leal Conselheiro* de D. Duarte: problemas de deriva filológica e tentativa de reintegração, in ...
- As voltas do “Livro de José Arimateia”: em busca de um percurso, a propósito de um fragmento trecentista recuperado, in

Hagiografia, Peregrinações, Milagres e Relíquias

De forma sistemática desde 1985 tem vindo a tratar dos problemas da hagiografia, abordando em múltiplos estudos os mais variados aspectos da vida de santos, como S. Frei Gil de Santarém, S. Vicente de Lisboa, S. Teotónio, S. Martinho de Braga, S. Brandão, S. Nuno Santa Maria, S. Tomás de Cantuária ou Santa Iria. Trata-se de uma abordagem realizada a partir da análise crítica das fontes documentais.

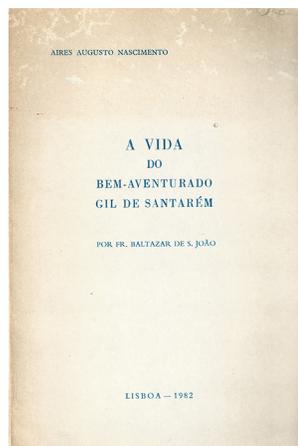
Recorde-se todavia que na sua tese de doutoramento, defendida no dia 1 de Fevereiro de 1978, apresentou uma dissertação complementar com três trabalhos sobre latim medieval - *Vita S. Fructuosi* e *Vita S. Martini Saurensis*.

A ler de Aires A. Nascimento:

- «Hagiografia», *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*, org. Giuseppe Tavani e Giulia Lanciani, Lisboa, Caminho, 1993
- *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra* / edição crítica de textos latinos, tradução, estudo introdutório e notas de comentário, Aires A. Nascimento / Lisboa : Edições Colibri , 1998
- «Um traço singular em textos hagiográficos bracarenses medievais: a 1ª pessoa verbal», *Theologica*, II série, vol.XXXV, fasc.2 (2000), pp. 589-598
- “Literatura Religiosa.I., Época Medieval”, in, *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, dir. Carlos Moreira Azevedo, Lisboa, Círculo de Leitores, 2001, 113-125. - Crenças e devoções. (2005) - In: A nova Lisboa medieval. Actas do I encontro p. 11-24
- *A Vita S. Geraldi* de Bernardo, bispo de Coimbra: problemas de datação e de intencionalidade, in

a) Frei Gil de Santarém

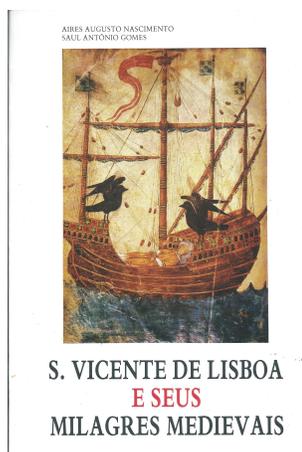
- “Vida de S. Fr. Gil de Santarém de Baltazar de S. João”. 1982 - Frei Gil de Santarém, o Fausto português. In *Colóquio S. Frei Gil de Santarém*. Actas. Lisboa: [s.n.], 1992, p. 11-24.
- “Frei Gil de Santarém, o Fausto português”. In *Colóquio S. Frei Gil de Santarém*. Actas. Lisboa: [s.n.], 1992, p. 11-24
- “Gil de Santarém, Frei”. In *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Org. e coord. G. Lanciani e G. Tavani. Lisboa: Caminho, 1993, p. 294-295.
- “O pacto com o demónio em fontes medievais portuguesas: Teófilo e Fr. Gil de Santarém”. In *III Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*. Actas. Vol. 2. [sl]: [s.n.], 1994, p. 737-746.



Foi a “primeira” tradução e estudo académico da vida de um santo – Frei Gil de Santarém. O que surpreende desde logo são as questões metodológicas colocadas por Aires A. Nascimento na abordagem da temática da hagiografia, na forma como “desmonta a narrativa” (...), “os elos de uma cadeia que não sabemos onde começa.” (p.19). Uma preocupação e um rigor que irá manter no estudo das narrativas de outros santos.

b) S. Vicente

- S. Vicente de Lisboa e seus milagres medievais, com Saul António Gomes, *Didaskalia*. 15 (1985) 73-169.
- *S. Vicente de Lisboa : legendas, milagres e culto (testemunhos lationomedievais)*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2011.
- *Letrados e cultura letrada (sécs. XII - XIII)*, com Saul Gomes - S. Vicente de Lisboa e seus milagres medievais.
- “Por S. Vicente de Lisboa: ao encontro da Memória, da Festa e da Universidade”, in,2009, 71-87.

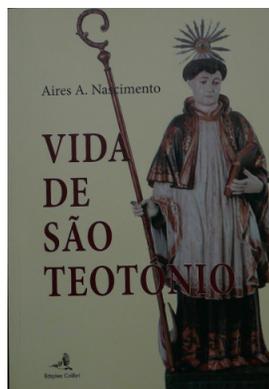


Aires A. Nascimento Olissipógrafo? O estudo e tradução de uma coleção de milagres do mártir S. Vicente encontrada na Biblioteca Nacional de Portugal, é demonstrativo da complexidade dos textos tornados por si acessíveis por Aires A. Nascimento, neste caso, em colaboração com Saul António Gomes. Qual a razão por que é escolhido para patrono de uma cidade que acabava de ser reconquistada? Não faltavam na cidade no século XII, santos aí fixados há muito. A partir desta questão se desdobram muitas outras, como as de natureza política: a necessidade de encontrar uma proteção divina, identitária e simbólica para a nova urbe que se irá afirmar na cristandade. Se tivermos em consideração a sua vasta obra descobrimos que a temática de Lisboa está presente em muitos dos seus textos, daí a nossa questão inicial.

c) S. Teotónio e D. Telo

Aquando da celebração, em 2012-2013, dos 850 anos da morte e da elevação aos altares de D. Teotónio (1162-1163), primeiro prior do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, publica uma obra singular. Começa por definir o que caracteriza um santo no cristianismo, mas em seguida inserir o biografado ao contexto do tempo, mostrando a sua relevância para a formação da comunidade que hoje somos. Para chegar ao “homem” que se fez santo, por “chamamento” de Deus, opera um trabalho de extração de tudo o que lhe foi sendo acrescentado como espúrio. Um método que aplica à biografia de outros santos.

- Vida de S. Teotónio. In *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Dir. G. Lanciani e G. Tavani. Lisboa: Caminho, 1993, p. 669-671
- Vida de D. Telo. In *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Dir. G. Lanciani e G. Tavani. Lisboa: Caminho, 1993, p. 661-663
- *Vida de São Teotónio*, Lisboa: Edições Colibri, 2013
- *Corepiscopus*: um arcaísmo não compreendido na *Vita Tellonis*, in: ...



d) Martinho de Braga

- *Martinho de Braga- Instrução pastoral sobre as superstições rurais (De correctione rusticorum)*, com Maria João Violante Branco – Edição crítica, tradução, estudo. Lisboa, Edições Cosmos, 1997
- “Martinus Bracarensis”, in, *La Trasmmissione dei testi latini del Medioevo - Mediaeval Latin Texts and their Tranbsmission/Te.Tra.2*, a cura di Paolo Chiesa e Lucia Castaldi, Firenze, Sismel, Edizioni dekl Galluzzo, 2005, 440-466.

d) S. Tomás de Cantuária

- “O culto de S. Tomás de Cantuária em Portugal: um manuscrito de Lorvão como testemunho e outros indícios”, in, *Vir bonus peritissimus aeque: estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo / coord. por Maria Cristina de Castro-Maia de Souza Pimentel*, Paulo Farmhouse Alberto, 2013, págs. 517-536

e) Nuno de Santa Maria

Podemos dizer que convive com S. Nuno de Santa Maria desde os onze anos idade, quando entrou para o Seminário de Cernache do Bonjardim. Esta figura central da história de Portugal ter-lhe-á sido contada inúmeras vezes. A sua canonização a 26 de Abril de 2009, foi o pretexto e o momento para, sob a forma escrita, condensar aquilo que durante anos foi assumindo como essencial nesta figura singular.

- “Nuno de Santa Maria: o homem e o santo que é herói de Portugal”, *Igreja e Missão*, 211, Maio-Agosto de 2009, 175-246.
- *Cernache do Bonjardim, Terra do Santo Condestável*. Assoc. Regina Mundi, 2009.
- “Comentário ao poema “Nun`Alvares Pereira” de Fernando Pessoa”, in *Nuno Álvares Pereira, Herói e santo*, Lisboa, Paróquia de Santo Condestável, 2009, pp. 72-77.
- *Nuno de Santa Maria: fragmentos de memória persistente*, Lisboa, ARM, 2010
- *S. Nuno de Santa Maria, exemplo de virtudes para o nosso tempo*. Editorial Missões - Cucujães. 2016

- "O Santo Conde, D. Nun`Álvares Pereira", in: *Nuno Álvares Pereira*, Casal de Coimbra, Caleidoscópio, 2017, 15-22.

AIRES A. NASCIMENTO



S. Nuno de Santa Maria
exemplo de virtudes para o nosso tempo

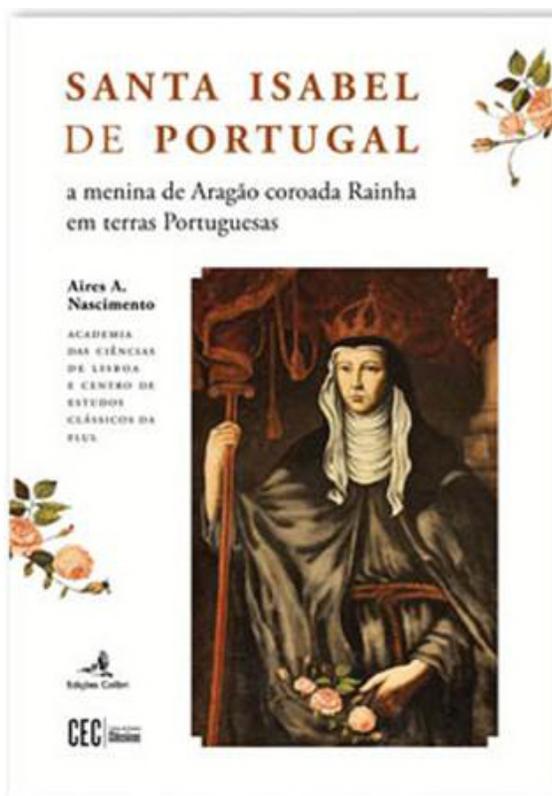
O que define um Santo? Aires A. Nascimento, como em nenhum outro lugar, vê-se confrontado com a necessidade de responder a esta questão, dado o "perfil" de Nun`Álvares Pereira. Em "*S. Nuno de Santa Maria. Exemplo de virtudes para o nosso tempo*", apoiando-se em Charles Péguy, recusa que haja "santos etéreos", todos fizeram o seu percurso terreno, com as suas vicissitudes. "A santidade cristã é incarnada, como Cristo que assumiu todas as consequências de ser Deus e Homem incarnada" (p.7). A santidade de Nuno de Santa Maria radica nas suas virtudes. Um conceito de origem grega, que pressupõe "fortaleza", "vigor", "poder", que se atinge quando numa escala superlativa se atinge o "bem" e "se possível o belo", num equilíbrio de "coração e de inteligência" que merece o louvor. O reconhecimento destas virtudes atribui-as ao povo que o fez santo antes da Igreja o reconhecer, mas também a D. Duarte que as explicita.

g) Santa Iria

- "Lenda de Santa Iria: De virgem a mártir (a dificuldade de retomar os tempos que se atrasam)". *Estudios de filología e historia en honor del profesor Vitalino Valcárcel* / coord. por Iñigo Ruiz Arzalluz; Alejandro Martínez Sobrino (ed. lit.), María Teresa Muñoz García de Iturrospe (ed. lit.), Iñaki Ortigosa Egiraun (ed. lit.), Enara San Juan Manso (ed. lit.), Vitalino Valcárcel Martínez (hom.), Vol. 2, 2014, pags. 751-779

h) Rainha Santa Isabel

- *Santa Isabel de Portugal. A menina de Aragão coroada Rainha em terras Portuguesas* (2019). Lisboa. Edições Colibri



Este estudo é mais um caso singular da insaciável curiosidade de Aires A. Nascimento. No gabinete do presidente da Academia das Ciências de Lisboa, da qual é membro, reparou numa pintura, cuja identidade da retratada e o significado para esta instituição já se havia perdido na memória. Tornara-se numa simples peça de ornamento, sem nenhum significado aparente. O resultado desta investigação foi publicado, no dia 20 de julho de 2019, no dia em que comemorava 80 anos. Tratava-se de Santa Isabel de Portugal, patrona da Academia das Ciências. Um quadro que terá pertencido à galeria de Fr. José Mayne, e que com a sua biblioteca foi também legado à Academia.

Nesta obra, numa incursão pela história da Arte, começa por identificar a presumível autora – a princesa esta Maria Francisca Benedita, irmã da rainha D. Maria I, fundadora da Academia. Identifica os modelos que a princesa-pintora terá seguido, revelando a existência outra pintura semelhante no Mosteiro de Santa Clara, em Coimbra. Faz um minuciosa análise iconográfica, questiona-se sobre a intencionalidade e significado de certos elementos formais.

Prossegue refletindo, uma vez mais, sobre o sentido da santidade cristã, os modelos e esquemas usados na hagiografia. Numa forma explicita, ao caracterizar o entendimento da santidade medieval, afirma-se próximo das virtudes franciscanas, em oposição às virtudes aristotélicas. Ensaia uma hagiografia de Santa Isabel.

O que segue é uma procura da “santa rainha” histórica, os acontecimentos anotados que marcaram a sua vida em terra lusas, e o “chamamento” que fez dela santa, primeiro aos olhos do povo e depois sancionada pela Igreja. Chama à atenção do afecto que o rei D.

Dinis manifestou à rainha, à qual dedicou duas cantigas, que não tem sido tomadas em consideração pela crítica literária e na que obra são postas em relevo; Mostra a acção diplomática da rainha, quer pela sua presença em actos do rei quer através das cartas que ela dirigiu ou recebeu de seu irmão Jaime II de Aragão ou de personalidades eclesiásticas (Papas), aproveitando assim recentes valorizações de fundos arquivísticos, até agora não tidos em consideração na hagiografia da rainha santa; Lembra a memória da rainha celebrada anualmente na Universidade, em orações / discursos académicos instituídos em Coimbra pelo rei D. João III. Como emblema, e não como registo documentado terá sido criado o episódio das rosas. O autor reconhece a invenção, mas lembra a sua possível intenção: Os franciscanos terão procurado criar uma imagem forte, marcante, das ações de caridade da rainha de uma forma que se não esquece mais (p.161).

Fátima

A UCP e a Reitoria do Santuário de Fátima, em 1999, estabeleceram um acordo para a inventariação, anotação e preparação crítica da documentação referente a Fátima (aparições, mensagens, culto. Aires Augusto Nascimento foi um dos especialistas convidados. Em 2013 foi publicado o 2^a. volume da Documentação Crítica de Fátima.

Peregrinações

- *Egéria: Viagem do Ocidente à Terra Santa*, ed. crítica e revisão de estudo e de tradução de Alexandra Mariano. Lisboa. Ed. Colibri, 1998
- *Ir e passar por Santiago: duas faces de um mesmo percurso a Compostela....*, 2001
- “Viator e Peregrinus: Registos da construção da viagem”, in, *Homo Viator - Estudos em Homenagem a Fernando Cristovão*, Lisboa, Ed. Colibri, 2004, 173-188

Milagres

- *Selectividade e estrutura nas coleções de milagres medievais: Alc. 39 da B.N. de Lisboa e as Cantigas de Santa Maria....*, 1991, 587-596.
- “Milagres Medievais”, *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa* (org. e coord. de G. Lanciani e G. Tavani), Lisboa, Ed. Caminho, 1993.

Relíquias

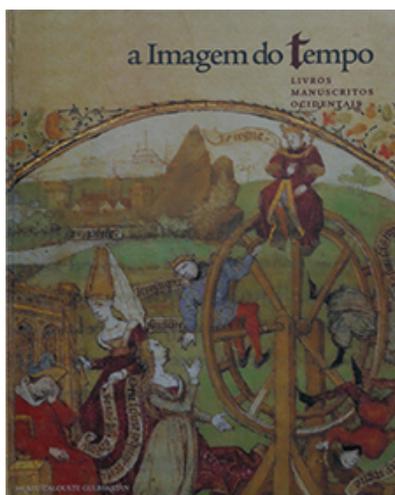
- “Furta sacra: relíquias bracarense em Compostela?”, in, *Gramática e Humanismo....*, Braga, Aletheia, Faculdade de Filosofia, 2005, 121-140

Iconologia

Em dezenas de artigos aborda temas e problemas da iconografia cristã de forma muito ampla, como se pode ler no catálogo *A Imagem do Tempo: livros Manuscritos ocidentais* (2000). Nos textos introdutórios e nas várias entradas, onde Aires A. Nascimentos e outros colaboradores (José Augusto Martins ramos, Máximo Ferreira, Horácio Peixeiro, Joaquim O. Bragança, Adelaide Miranda, Maria do Rosário Themudo Barata, Martim de Albuquerque, António Couto e Anselmo Borges), não apenas nos dão a conhecer representações do tempo e fontes textuais que a elas se reportam, mas também refletem sobre o próprio conceito do tempo, as suas dimensões, e como as imagens são expressões de pensamento sobre o próprio tempo.

A ler de Aires A. Nascimento:

- “Gesto Litúrgico: o Complemento da Linguagem do Sagrado”. (2005) - In: *O corpo e o gesto na civilização medieval* p. 111-138
- O riso do homem medieval. (2015) - In: *O riso. Teorizações, leituras, realizações* p. 13-44
- “O riso como tema, em Évora: ousar manter uma janela aberta, em tempo de crise”. (2015) - In: *O riso. Teorizações, leituras, realizações* p. 7-11
- “Um sorriso nas asas da memória: o pórtico da Glória, evocação de Serafim Moralejo, já na outra margem”, *Compostelanum*, 58, 2013, 69-79.
- “A festa: entre a exuberância e celebração”, in, *Histórias das Festas*, ed. Carlos Guardado da Silva, Lisboa, Colibri, 2006, 9-22.
- “La Fiesta medieval”, trad. esp. Cristina Flórez, *Lienzo 9* (Lima), 1990, 67-80



Formação de Portugal

A sua incursão pelo domínio da história, segue um padrão: a partir de fontes documentais, descreve e reflete sobre os mitos, lendas e lendas a que se reportam acontecimentos, personagens, para depois confrontar ou elucidar certos aspectos da versão interpretativa corrente.

Ao século XII, o “início” de Portugal, tem dedicado muito do seu labor intelectual. Personagens centrais deste período, como D. Afonso Henriques, D. Telo ou S. Teotónio, fundações de Mosteiros como o de Santa Cruz de Coimbra, Santa Maria de Alcobaça, S. Vicente de Fora, ordens religiosas como a de Cister, mas também reconquistas como a de Santarém, Lisboa, Alcácer do Sal, para só citar estes exemplos, têm sido estudadas e permanentemente revisitadas.

Num texto, onde uma vez mais reflete sobre “as origens da vida colectiva portuguesa” e as suas figuras emblemáticas às mesmas ligadas, projeta desde logo ao que vem na sua abordagem da história de Portugal:

“Por vontade dos homens (e por razões que se foram acrescentando, nas quais muitos quiseram divisar predestinação divina e alguns não duvidaram em colocar fé que resgata e premeia os esforços) constituiu-se uma nação (povo soberano, disposto a lutar por si e a entrar assim em ação concertada com outros povos). Fica ela na zona mais ocidental da Europa: esta é continente incompleto, mas também inconformado; é parte de um outro (Euro-ásia) que se estende até ao outro lado do mundo e arrisca permanentemente a aventura de se alargar sobre o mar, malgrado a obscuração de um futuro incerto- Europa é, nas origens gregas da palavra, a terra que na escuridão procura a luminosidade que ainda resta dos deuses, que se ausentaram, para descortinar uma nova luz (saída do seu interior, por indagação racional e inteligente que aproveita as próprias capacidades). Voltada a Ocidente, é Portugal, que tem no mar a possibilidade de encontrar novas terras e de formar o complemento, em construção de utopia - terra a haver, na ponta mais ocidental tem a cabeça, envolta em cabeleira de esfinge, e os olhos fitam o mar, na visão de F. Pessoa (“O dos Castelos”, *Mensagem*), in, *Vida de São Teotónio*, p. 7-8.

Latinista, não deixou de estudar a formação da língua portuguesa²⁴ e a emergência de um pensamento filosófico²⁵ após a independência.

A ler de Aires A. Nascimento:

- “O Milagre de Ourique num texto latino-medieval de 1416”, *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, IV série, n.º.2 (1978), pp.365-374

- *A conquista de Lisboa aos Mouros : relato de um Cruzado*, com Maria João Violante Branco. Lisboa: Vega, 2001

²⁴ A ler de Aires A. Nascimento: “Alguns vocábulos portugueses num manuscrito latino do séc. XV”, *Portugaliae Historica*, 1, 1973, 273-281; “Novos fragmentos de textos portugueses medievais descobertos na Torre do Tombo: horizontes de uma cultura integrada”, *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, 2, 20095, 7-24; etc.

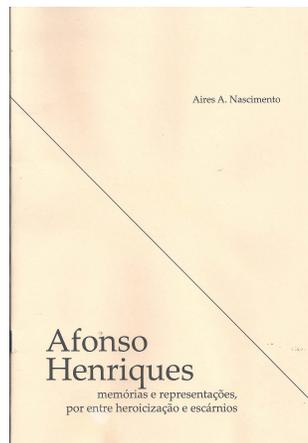
²⁵ Ler de Aires A. Nascimento: *Pedro Hispano –Figura maior da cultura portuguesa aberta ao mundo*, Figueira da Foz, Casino, 2010 (32pp.); “Santo António: Pensamento e Testemunho”, in *Actas do Congresso Internacional Pensamento e Testemunho – 8ª. Centenário do nascimento de Santo António*, Braga, 1996, vol.I, pp.7-12.

- "Poema de conquista: a tomada de Alcácer do Sal aos mouros (1217). Poesía latina medieval (siglos V-XV)": *actas del IV Congreso del "Internationales Mittellateinerkomitee"*, Santiago de Compostela, 12-15 de septiembre de 2002 / coord. por José Manuel Díaz de Bustamante; Manuel Cecilio Díaz y Díaz (ed. lit.), 2005, págs. 619-637

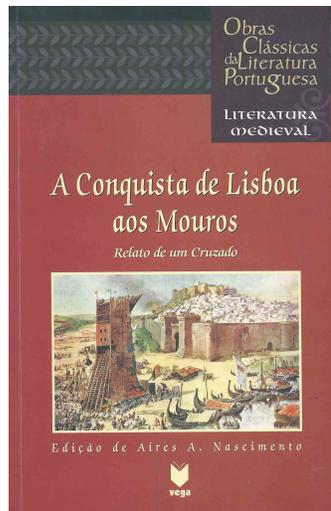
- "O júbilo da vitória: celebração da tomada de Santarém aos mouros (A.D. 1147)". *Actes del X Congrès Internacional de l'Associació Hispànica de Literatura Medieval: Alicante*, 16-20 de septiembre de 2003 / Josep Lluís Martos Sánchez (ed. lit.), Josep Miquel Manzanaro i Blasco (ed. lit.), Rafael Alemany Ferrer (ed. lit.), Vol. 3, 2005, ISBN 84-608-0305-8, págs. 1217-1232

- "Afonso Henriques: memórias e representações, por entre heroicização e escárnios", *Letras com vida - Literatura, Cultura e arte*, 5, 2012, 1-30.

- A construção da imagem de D. Afonso Henriques: processo e memória, ..., 2012, 29-46.



Os tempos não correm de feição para celebrar heróis, assim começa um dos seus textos mais densos - *Afonso Henriques: Memórias e Representações, por entre heroicização e escárnios* (2013). Desconfiamos dos heroísmos, por estarmos habituados a relegar tudo para o domínio da ficção, a nivelar tudo abaixo de nós. Estamos a perder o sentido da transcendência. A questão assume enorme relevância quando abordamos a figura do herói colectivo e fundador da identidade portuguesa. Tudo nele é incerto, a data ou o local de nascimento. As suas contradições para uns são interpretadas como exemplos de negativos, para outros sinais sagrados, apenas compreensíveis no domínio da hagiografia. Sobre esta figura primeira, ao longo dos séculos foram-se acumulando interpretações divergentes, servindo interesses particulares ou colectivos. Encontrar o "retrato original", exige decantar os acrescentos espúrios, uma tarefa que a filologia e a história são ferramentas fundamentais, mas insuficientes se nos faltar a confiança, e "a capacidade de encantamento e da utopia" sem a qual não podemos entender verdadeiramente este herói pátrio e de lhe prestar o culto que a sua transcendência nos obriga.



A edição e tradução d' *A Conquista de Lisboa aos Mouros* por Aires A. Nascimento, em 2018, servida por uma excelente introdução de Maria João V. Branco, é um bom exemplo do seu trabalho como filólogo. Não apenas corrige leituras do passado, baseadas em traduções pouco rigorosas, mas também ao longo de 214 notas, dá-nos conta dos problemas suscitados pelo texto: o seu possível autor, a sua eventual ligação ao grupo dos eclesiásticos que ficaram com ficaram com o bispo Gilberto, após a conquista, o tempo que terá permanecido em Portugal e muitos outros aspectos. Sempre a partir do texto, e explorando as suas implicações para a leitura e compreensão de outros textos e acontecimentos históricos, toma posição sobre as ligações de D. Afonso Henriques e os cruzados, mas também sobre a sua correspondência com S. Bernardo de Claraval...

Dinastia de Avis

Na introdução a "Livro de Arautos" (1416) demonstrou a importância que a tomada de Ceuta (1415) se revestiu para a afirmação da legitimidade da Dinastia de Avis. Como escreve: "Só depois da tomada de Ceuta, o rei português se fez representar, em Constança. Sabia o rei D. João I que a conquista daquela praça lhe daria vantagens junto dos Padres conciliares e lhe conferia visibilidade perante as outras nações e sobretudo perante o Imperador". Esta conquista é também o início de um empreendimento de expansão marítima, territorial e de uma religião, num complexo processo que é indissociável da afirmação da identidade de um povo através da identidade da sua língua.

A ler de Aires A. Nascimento:

- A Abrir, in, *Voltados à Europa: Livro de Arautos "De Ministerio Armorum"*, Lisboa. 2017
- Nova idade, nova linguagem: entre afecto e alto desempenho de funções, a palavra no século XV português", *Humanismo para o nosso tempo - Homenagem a Luís de Sousa Rebelo* 2004

Descobrimientos

É na abordagem dos descobrimentos portugueses que melhor se percebe a forma como trabalha a história. A partir dos textos que existem nas nossas bibliotecas medievais, desvenda as viagens interiores ou não, que povoaram o pensamento do homens. As viagens históricas são desta forma enformadas a partir de uma dimensão transcendente. Perspectiva platónica ?

A ler de Aires A. Nascimento:

- “Trezenzónio e a Ilha do Solstício: a funcionalidade da ausência no reencontro do presente”, in, *Em Torno da Idade Média*, ed. Helder Godinho, Lisboa, 1989,185-196.
- “ Ilhas Afortunadas: um nome feito de sonhos”, in: *As Ilhas e a Mitologia - Actas de Colóquio*, Funchal, Câmara Municipal, 1998, 19-31.
- “Quando a terra acaba e o mar começa, o céu por limite e por destino”, ..., 2007, 61.-89.

a) Navegações de S. Brandão

A “Introdução” à *Navegação de S. Brandão* é constitui a “introdução” ao que tem escrito sobre os descobrimentos. A abertura aos novos espaços, mitos, personagens, cartografia, descobertas, tudo é nela passado em revista, apoiado num extensa bibliografia. A razão é simples:

“A aventura de Brandão acompanha assim os sonhos de homens do tempo das descobertas marítimas dos tempos modernos, em nome de uma curiosidade que se funde com o gosto pelo maravilhoso e na qual uma certa relação religiosa, de confiança na Providência divina, tem a parte necessária e útil para superar os medos do desconhecido e arrostar os perigos inevitáveis do mar largo. Transposta para diversos pontos do Atlântico Norte, serve de referencia a fantasias mais ou menos romanescas, alimenta sonhos e estimula investimentos ou permite transposições interessadas. Nem lhe faltou a contestação de algum espírito mais céptico para avivar a curiosidade geral e o interesse de eruditos. Mas atravessa os tempos e é recuperada pelo mito sebastianista.” Pp.63-64

- *Navegação de S. Brandão nas fontes portuguesas medievais*. Lisboa. Edições Colibri.1998
- “A Navigatio Brendani: da Hibérnia para a Ibéria, ou alguns elos de uma antiga comunidade ocidental”, *Anglo-saxónica*, 2, 10-11, 1999, 63-79
- “Navigatio S. Brendani, de Benedeit: originais e traduções, em situação de leitura e recepção», *Actas de VII Congresso de la AHLM - Catellón de la Plana*, Setiembre 1997, ed. Santiago Fortuño Llorens & Tomás Martínez Romerto, Castellò de la Plana, 1999, III vol.
- “O apelo do Ocidente: Martinho de Braga, a "Navigatio Brendani" e outros textos - o sonho da descoberta e a superação dos limites. (2002) - In: *Homenaje Antonio Fontán* (2002) Pt. 3 p. 1463-1484

- “Traços esquecidos de tradição hispânica: comparando versões da "Navigatio Brendani" . (2011) - In: *Quando Portugal era Reino de Leão* p. 127-142
- “Anamorfozes de um texto: identidade e diferença nas versões (hispânica e vulgata) da Navigatio Brendani”, (2003) - In: *Da decifração em textos medievais* 4 p. 93-110
- “Nos limites do humano: a figura de Judas, em releitura da Navegação de S. Brandão”,

b) Literatura

- *Livro de Arautos : estudo codicológico, histórico, literário, linguístico.....*
- “Estratégia diplomática e arte da descrição geográfica numa obra latino-portuguesa do século XV: O Livro de Arautos (a 1416), in *Estudos em Memória do Professor Doutor Mário de Albuquerque*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Instituto Histórico Infante Dom Henrique, 2009
- “Littérature latine des Découvertes Portugaises: le latin, une langue de culture”, *Euphrosyne*, 27 (1999), pp. 381-404
- “Nova idade, nova linguagem: entre afecto e alto desempenho de funções, a palavra no século XV português”, in *Humanismo para o nosso tempo – Homenagem a Luís de Sousa Rebelo*, ed. Aires A. Nascimento et al., Lisboa, 2004, pp.33-57

c) Infante D. Henrique, Viagens

- *Horologium fidei : diálogo com o infante D. Henrique de André do Prado*. Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994 ²⁶
- *Descobrimento primeiro da Guiné de Diogo Gomes de Sintra* ,
- *Princesas de Portugal : contratos matrimoniais dos séculos XV e XVI* , com Maria Filomena Andrade, Maria Teresa Rebelo da Silva
- *Leonor de Portugal, Imperatriz da Alemanha : diário de viagem do embaixador Nicolau Lanckmen de Valckenstein*, com Maria de Lurdes Rosa, Maria João Violante Branco

d) Utopias

Uma dos textos seus filosóficos que melhor ilustra a perspectiva como encara não apenas os descobrimentos, mas também as peregrinações e o que nos eleva na nossa existência, está sintetizado num texto onde transparece uma clara perspectiva platónica, não nomeada – “*A utopia como dimensão humana*”. Nesta vida, somos convocados a construir uma “Utopia” , um “não lugar”, isto é, a projetarmo-nos para além da mundanidade, impelidos pelo desejo, a esperança num mundo melhor.

²⁶ Maria de Lurdes Rosa fez uma exaustiva revisão desta edição (Lusitania Sacra, 2ª. Série, Tomo 8-9 (1996-7).

- “A procura do Além: espaços de Utopia e caminhos de abertura ao Mundo em textos de Alcobaça” in, *Actas do Congresso de 900 anos de Cister*, Alcobaça, Abril, 1998, Lisboa, IPPAR, 2000, 175-188.
- *Utopia de Thomás Morus*, Edição crítica, publicada em 2006 pela Fundação Calouste Gulbenkian, tendo recebido o Prémio União Latina de Tradução Científica e Técnica.
- “A utopia como dimensão humana”, in *Convergências & Afinidades – Homenagem a António Braz Teixeira*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. 2008, pp.698-713.
- “Habitar a Utopia”, in, *Razão e Liberdade*, 2010, vol.I, 419-431

Expansão do Cristianismo, Padroado

Aires Augusto Nascimento na sua tese de doutoramento sobre o Livro dos Arautos (1978), sustenta que uma das razões que levaram os portugueses à conquista de Ceuta em 1415, foi sobretudo uma questão político-religiosa. A dinastia de Avis pretendia afirmar na Europa, com esta conquista, o seu poder e independência face a Castela e Aragão no Concílio de Constança (1414-1418). A participação portuguesa só se iniciou a 1 de Julho de 1416, e sem a presença de nenhum clérigo, e depois da referida conquista.

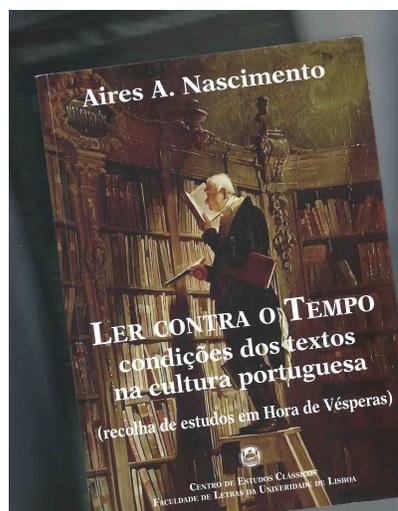
Os seus estudos sobre a expansão do cristianismo feito pelos portugueses no mundo, está desta forma ligado à própria génese dos descobrimentos, mas também intrinsecamente a aquilo que Portugal foi a partir do século XV.

- “Francisco Xavier: A face Catequética da Missionaçã Portuguesa”, in, *Igreja e Missão*, 201-202, 2006, 61-87.
- *Innocentia Victrix: siue Sententia Comitiorum Imperii Sinici pro Innocentia; Vitória da Inocência ou Sentença das Assembleias do Império Chinês em prol da Inocência da Religião Cristã*. Introdução Horácio P. Araújo. Fixação do texto e tradução do latim Aires A. Nascimento. BN Lisboa. 1999
- “A Diocese do Funchal, em estratégia manuelina, em 1514: o simbolismo de um local,”...

Perspectiva Interpretativa de uma Obra em Curso

A produção científica de Aires A. Nascimento é melhor compreendida na sua globalidade. As suas grandes obras foram sendo escritas ao longo dos anos capítulo a capítulo sob a forma de livros, artigos, recensões ou notas de rodapé.

Trata-se de um método ou de um recurso provocado pelas múltiplas solicitações ou reptos que lhe foram lançados?



*Ler Contra o Tempo. Condições dos textos na cultura portuguesa (recolha de estudos em Hora de Vésperas)*²⁷. Centro de Estudos Clássicos. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2012

Aires A. Nascimento, quatro anos após se ter jubilado (2008), publica uma recolha de textos, que considerou significativos de 40 anos de estudos nos mais diversos domínios. Se nos ativermos ao título que lhe deu, começa por enunciar um dos seus grandes objectivos da sua vida, como leitor, filólogo, tradutor e historiador da cultura portuguesa, o de retirar do esquecimento, tornar presente aquilo que estava perdido no tempo. Ler é desta maneira "Ler contra o Tempo". O que surpreende é todavia que o subtítulo - recolha em "Hora de Vésperas", anunciando um "entardecer", "despedida", finalmente o "silêncio". Na verdade, nada disto aconteceu. Nos últimos 7 anos tem publicado um impressionante conjunto de estudos, que desdizem o prometido "silêncio". A explicação dá-nos quando escreve:

"É dever filológico contribuir cada qual para assegurar a verdade cultural dos testemunhos e dos textos, particularmente daqueles que partilhamos com a comunidade científica a que pertencemos" (p.18,19). O imperativo para continuar a ler e escrever é de ordem deontológica. Um dever reforçado pelo caminho que se escolheu: "o esforço de ler e escrever faz parte do nosso percurso intelectual e do modo de testemunharmos o que nos legitima como gente de Universidade (ou de outros grémios - Academias)" (p.16). Ler e escrever é desta forma um "dever", um "serviço prestado à comunidade", mas também "para deixarmos testemunho a alguém que nos pergunte pelo que fizemos" (p.15).

"Congresso Aires Nascimento"

²⁷ Virgínia Soares Pereira fez uma recessão aos dois volumes, num total de 1147 páginas (Revista Diacrítica, vol.27, nº2, Braga, 2013).

“Foram muitas e ponderadas razões que levaram um grupo de discípulos, colegas e amigos do Professor Aires Nascimento a organizar este congresso em sua homenagem”, com estas palavras o professor Arnaldo Espírito Santo abriu o “congresso” que decorreu entre 17 e 20 de Julho de 2019, na Faculdade de Letras de Lisboa, onde foram apresentadas 71 comunicações, por 84 conferencistas. Muitos dos conferencistas são docentes nas universidades do Algarve, Coimbra, Évora, Lisboa ou Porto, mas um grande número vieram prestigiadas universidades europeias: Thomas Earle (Oxford), Joel Thomas (Perpignan), Paulo Fedeli (Bari), Cármen Codoñer Merino (Salamanca), José Manuel Díaz de Bustamente (Santiago), Josefina Planas (Barcelona), Ana Maria Sánchez Tarri (Espanha), Ana Suárez Gonzáles (Santiago), Marc Mayer-Olivé (Barcelona), Giulia Baratta (Macerata), José Martínez Gázquez (Barcelona), Israel Sanmartín (Santiago), Andrea Bozzi (Piza), Maria de los Milagros Conesaña Santos (Espanha), Pedro Juan Quetglas (Barcelona), María Antónia Fornés Pallicer (Barcelona), Lúdia Buono (Cassino), María Adelaida Andrés Sanz (Salamanca). A geografia dos palestrantes é reveladora da importância dos seus estudos, nomeadamente para a compreensão da Idade Média na Península Ibérica.

Registos fotográficos: 17 de Julho



Eram 9h12 minutos: Na entrada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com Etelvina Fernández González (catedrática da Universidade de Leon) e Adelaide Miranda (IEM- FCSH da Universidade Nova de Lisboa).



As primeiras palavras... às 9h30



A primeira mesa. Serão constituídas quinze nos quatro dias do congresso, presididas por distintas personalidades do meio académico, como Arnaldo Espírito Santo, Bernardo Mota, André Simões, Ana María Torró, Rodrigo Furtado, Abel Pena, Carlos Guardado da Silva, Ana Lóio, Vanda Anastácio, Catarina Gaspar, Sofia Frade, Isabel Almeida, José Pedro Serra, Paulo Farmhouse Alberto e Cristina Pimentel.



À conversa com Arnaldo Espírito Santo, catedrático do Departamento de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa. Olhando a câmara Delmira Custódio Espada, membro do IEM – FCSH da Universidade Nova de Lisboa.



Entre amigos. Da esquerda para a direita: Catarina Pinheiro, Maria João Melo, Catarina Gonçalves, Maria da Conceição Casanova, todas do Departamento de Conservação e Restauro da FCT - Universidade Nova de Lisboa, com exceção de Luís Correia de Sousa, membro do IEM- FCSH da Universidade Nova de Lisboa.



Uma homenagem sentida.



Uma homenagem sentida, e muito bem disposta.



Pormenor da numerosa assistência



Um homenageado sempre atento e pronto a ajudar o próximo conferencista.

Registos fotográficos: 18 de Julho

Registos fotográficos: 19 de Julho



Após um retemperador almoço na Faculdade de Direito, voltamos a encontrar o professor Aires à porta da sua Faculdade. O relógio marcava 14horas e 18 minutos. A sessão da tarde começava às 14h30. O sol estava abrasador.



Com Maria de Lurdes Rosa (FCSH da Universidade Nova de Lisboa)



Registos fotográficos: 20 de Julho

Um dos aplaudidos e sentidos discursos foi feito por Cristina Pimentel. Fechou o congresso destacando uma dimensão essencial de Aires A. Nascimento: um infinita disponibilidade para apoiar o próximo.



Almoço em Palmela. Foto:CEC

Lisboa, Julho de 2019

Carlos Fontes (www.filorbis.pt)

(texto em revisão)

Anexo1 :

Codicologia

Texto Distribuído por Aires A. Nascimento aos seus alunos de codicologia

"Ciência autónoma do estudo do livro manuscrito, na sua tríplice dimensão de instrumento funcionalmente orientado para a leitura do texto, organicamente integrado em bibliotecas (primitivas ou derivadas – fundos ou colecções), e historicamente situado em comunidades humanas (tecnicamente, comunidades textuais). Estas ficam-nos distantes no tempo e os resultados são marcados pela singularidade. A *Codicologia* apresenta ao longo de cinquenta anos uma bibliografia que não tem cessado de crescer e que importa conhecer de acordo com interesses mais largos ou mais específicos.

Por três razões básicas e fundamentais: a *singularidade* do manuscrito, objecto *único* e nunca passível de repetição (a contrário do livro impresso); a *dispersão e vastidão* do universo a observar e descrever; a *complexidade* do objecto de estudo (cultural na sua intenção e processo) e a *diversidade* de perspectivas de trabalho (filológico, histórico, documental-arquivístico, estético).

O manuscrito é marcado na sua *singularidade*, pois é produto de intervenções humanas individuais e únicas (não repetidas) que são irredutíveis na sua própria identidade e apenas são objecto de descrição; é apreensível na sua significação quando percebida na coerência de uma intencionalidade; esta, por sua vez, na falta de dados explícitos, apenas é dedutível a partir de observação e análise realizada por oposições contrastadas em universos gradativamente alargados.

Tais universos são quantitativamente vastos e encontram-se *dispersos* em distribuição não homogénea e sem equivalências imediatamente reconhecíveis; isso exige um esquema de análise coerente em que os dados possam ser homólogos e sobreponíveis, recolhidos sistematicamente, dentro de um quadro de referência coerente, construído segundo categorias contrastadas e pertinentes; tudo isso implica um trabalho de inventariação que reconstitua os *fundos* e os relacione com a história cultural das *instituições* que os formaram.

A *complexidade* do objecto de estudo advém da própria natureza do manuscrito: suporte de textos, superfície programada para leitura, ritualizada segundo tempos e situações diversas, no desenvolvimento de relações geradas pelo texto e pelo livro.

O estudo do livro manuscrito envolve um conjunto largo de operações: a observação, a descrição, a procura de significação de um objecto marcadamente cultural (na intenção, no conteúdo, na estrutura material, na funcionalidade e integração de relações colectivas, na sua circulação e história).

São úteis os *manuals de codicologia*. São uma tentativa de síntese dos conhecimentos elaborados ao longo de várias décadas por especialistas do livro manuscrito. Criticáveis, na redução que apresentam, são úteis como primeiro enquadramento e ponto de partida para a formação de categorias de análise ou aprendizagem de linguagem específica. Mas, porque cada manuscrito é um pequeno universo, as categorias codicológicas apenas se tornam verdadeiramente apreensíveis quando confrontadas com a realidade. Daí que os próprios *manuals* não possam dispensar os *trabalhos analíticos*. Estes são indispensáveis como expressão de uma prática que, pelo próprio confronto que postula, estimula a investigação e gera o verdadeiro conhecimento codicológico. Retiram o seu mérito maior quando conseguem integrar o manuscrito na sua funcionalidade de livro e na inter-relação cultural que lhe está subjacente.

Um conhecimento actualizado da bibliografia codicológica é, pois, necessário e tem de ser obtido através de revistas especializadas, nomeadamente de *Scriptorium* com o seu *Bulletin Codicologique*, *Scrittura e Civiltà*, *Gazette du Livre Médiéval*.

Neste mundo em construção, as orientações bibliográficas, organizadas por capítulos de conteúdo, não podem senão ter como intenção de criar familiaridade com o mundo da investigação relativa ao livro manuscrito, dar a conhecer nomes de investigadores e títulos de trabalhos significativos de entre os publicados, e com isso fomentar métodos de análise, ajudar a constituir categorias de referência e de linguagem, de forma a perspectivar uma formação geradora de novos conhecimentos no confronto com a singularidade do códice e em busca do seu valor de significação.

Procura-se, por outro lado, perspectivar a constituição de instrumentos racionalizados e integradores da realidade codicológica observada e descrita segundo padrões e esquemas reconhecidos pela comunidade científica (codificação de linguagem, catalogação estruturada e estudo específico de problemas codicológicos). Só dessa forma se podem partilhar os conhecimentos obtidos a partir da realidade singular que se descobre no estudo de um códice.

O objectivo maior a ter em vista é efectivamente fazer participar de uma ciência que se vai construindo através da investigação concertada de quantos se interessam pelo estudo do livro manuscrito. A familiarização com a análise de outros é tão necessária quanto a crítica da própria análise é indispensável para a sua estruturação em auto-regulação e em conjugação com o trabalho alheio. Marcam-se com asterisco (*) alguns dos trabalhos mais representativos no universo da bibliografia codicológica.

Desenham-se aqui orientações, necessariamente largas e abrangentes, dirigidas a uma estruturação do saber codicológico. Tenha-se em conta que este apresenta vários níveis complementares.

O primeiro nível, *descritivo*, é o da *Codicografia* propriamente dita, que opera sobre um produto concreto, perante os elementos *in praesentia*, ou seja, com os dados explícitos, e atende predominantemente à observação rigorosa e subsequente codificação e descrição, ou seja, transposição precisa e contrastada, para esquema organizado de conhecimento, dos dados colhidos durante a observação.

O segundo nível é *semiológico*, forma a *Codicologia funcional*, que atenta na *praesentia in absentia*, ou seja, no projecto que dá origem ao códice e o planifica, e desse modo intenta reconhecer as estruturas de significação, interrogando os dados e a sua situação até apreender a intencionalidade de origem, a funcionalidade de leitura proporcionada pelo códice, e bem assim a sua integração no mundo dos utentes (suas leituras e gestos colectivos).

Nem a primeira perspectiva pode fechar-se ao desenvolvimento da segunda nem esta pode dispensar a primeira. Mas é diversa a intervenção de cada uma delas segundo o tipo de análise pretendido e a própria formação do investigador. A descoberta desses níveis e a sua avaliação é uma das componentes da formação codicológica. O seu valor não é de menosprezar quando o objectivo final é contribuir para alargar as fronteiras do conhecimento do mundo do livro manuscrito e participar no trabalho de uma comunidade científica que se interroga sobre o valor de significação do códice na cultura de que fazemos parte. Tal valor sai realçado no momento em que os novos suportes de leitura e de informação entram nos hábitos quotidianos e confere a esses mesmos suportes um acréscimo de funcionalidade que seria estulto não reconhecer e aceitar como presente na cultura do livro desenvolvida ao longo de séculos no mundo ocidental.

Uma e outra perspectiva se ordenam e integram num outro plano, o da *Codicologia arquivística ou institucional* que tem por objectivo a inventariação, reconstituição e disponibilização de fundos ou colecções de manuscritos, a preservação ou conservação das espécies, a valorização da dimensão cultural do livro manuscrito e bem assim o estudo das instituições a quem pertenceu a constituição do livro manuscrito (*scriptoria*) e a integração em fundos de uso (bibliotecas).

Enquanto voltada especificamente para o livro de leitura a Codicologia não esquece também o livro documental, ainda que este possa e deva ser objecto de outra disciplina que é a Diplomática: como tal

atende-se à contaminação de modelos e à funcionalidade que a estrutura material de códice confere ao conjunto documental, primariamente de valor administrativo e apenas secundariamente de valor cultural. Mantém, por outro lado, uma associação particular com a Paleografia enquanto esta se ocupa da semiografia (análise do traçado), à semiologia (interpretação do valor de comunicabilidade) e à história das escritas, mas, pelo seu lado, a Codicologia atende sobretudo ao efeito de leitura que integra a escrita no códice. Tendo especialmente em conta que o códice é a forma específica do livro na cultura ocidental durante dois milénios, a Codicologia tem o texto como referência directa e examina a funcionalidade dos suportes relativamente à leitura e como tal se encontra associada à Filologia, estudo da transmissão dos textos. A Codicologia situa-se assim em relação multidisciplinar, como o é a do seu objecto de estudo, o códice, forma privilegiada do livro manuscrito no mundo ocidental."